



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
NÚCLEO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA E
DOCUMENTAÇÃO**



SHIRLEY DOS SANTOS FERREIRA

**A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO AMBIENTE SOCIAL NA FORMAÇÃO DO
LEITOR.**

**SÃO CRISTÓVÃO
2014**

SHIRLEY DOS SANTOS FERREIRA

**A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO AMBIENTE SOCIAL NA FORMAÇÃO DO
LEITOR.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari.

SÃO CRISTÓVÃO
2014

FERREIRA, Shirley dos Santos.

F963b A Biblioteca Escolar como ambiente social na formação do leitor.
/ Shirley dos Santos Ferreira. - São Cristóvão/SE,
2014.
58 p.

Monografia - Núcleo de Ciência da Informação, Universidade Federal de Sergipe;
São Cristóvão/SE, 2014.

Orientadora: Valéria Aparecida Bari

1. Leitura. 2. Biblioteca Escolar.

I. Autor. II. Título. III Bari, Valéria Aparecida

CDU 027.5

A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO AMBIENTE SOCIAL NA FORMAÇÃO DO LEITOR.

SHIRLEY DOS SANTOS FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari.

Nota: _____

Data de Apresentação: 06/03/2014

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari
(Orientadora)

Prof. M^a. Rosane Guedes da Silva
(Membro Convidado - Externo)

Profa. Ma. Glêyse Santos Santana
(Membro Convidado - Interno)

DEDICATÓRIA

Ao homem que me fez ver que tudo na vida é válido, que as dificuldades são apenas caminhos trilhados para alcançar a vitória, para você meu pai amado, que se foi desta vida terrena tão rápida, mas que continua tão vivo quanto antes, em meus pensamentos e coração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois sem ele eu nada seria. Em segundo lugar aos Orixás essa força da natureza, que me concedeu espiritualmente o que eu não conseguia enxergar fisicamente: minha Mãe Oyá, a senhora que com seu poder afastou de mim todos os pensamentos ruins que povoavam minha mente em momentos de medo, Oxum, Senhora do meu orí, meu pai Oxóssi e minha mãe Yansã.

Em segundo lugar quero agradecer a minha família, irmãos, sobrinhos, em especial a minha mãe Maria da Glória, a pessoa que sempre fez o possível para que eu me formasse, é graças a ela que sou o que sou, minha mãe, exemplo de coragem, força e honestidade, foi com ela que aprendi que podemos sim chegar onde desejamos sem precisar pisar ou humilhar ninguém, obrigada mãe.

Em terceiro e nem por isso menos importante, agradeço a meu companheiro, amigo, amante, esposo Cláudio de Jesus, que da forma dele me incentivou bastante, a pessoa que suportou meus momentos de crises, quando eu pensava que não conseguiria. Ele que de uma forma diferente torceu muito para que eu concluísse essa monografia, não dizia com palavras, mas em seus gestos, em algumas vezes com palavras, que estava na torcida por mim, obrigada amor.

Tenho outras pessoas a agradecer, em especial a Valéria Aparecida Bari, minha orientadora, mas que isso, ela foi um anjo na minha graduação, diversas vezes tentei desistir do TCC, mas ela nunca permitiu, sempre ao meu lado, fazendo o possível e o impossível para me ajudar. Nestes anos de graduação também encontrei outros anjos, pessoas que sempre estiveram dispostas a me ajudarem as quais posso citar: Rosa Vieira, uma das melhores bibliotecárias que já conheci, uma pessoa sempre pronta a ajudar.

RESUMO

A pesquisa denominada “A Biblioteca Escolar como Ambiente Social na Formação do Leitor” tem como ambiente social de observação a Biblioteca Escolar, o tema a Formação do Leitor, utilizando a metodologia da revisão literária, verificando principalmente a influência de instalações, atividades, ação cultural e mediação de leitura e formação de leitores. Trabalha a importância da Biblioteca Escolar na formação de leitores críticos e efetivos usuários da informação. No decorrer do trabalho também são discutidos os produtos e serviços biblioteconômicos especializados, a ação e animação cultural em Bibliotecas Escolares, como métodos para aproximar a comunidade escolar deste ambiente tão importante para formar leitores. Explana sobre os serviços que a BE pode oferecer a comunidade escolar, além de versar sobre o Manifesto UNESCO para a Biblioteca Escolar, no decorrer do trabalho foram discutidas as políticas públicas, as leis que o Estado de Sergipe aprovou sobre a Biblioteca Escolar, sendo ainda discutidos os Parâmetros para a Biblioteca Escolar. Como principais considerações finais, a literatura confirma que a ausência ou precariedade de Bibliotecas Escolares prejudica a formação de hábitos e gostos leitores dentro do ambiente escolar.

Palavras-Chave: Biblioteca Escolar. Formação do Leitor. Leitura Escolar.

ABSTRACT

The research called "the School Library as a social environment training reader" has the social environment of the school library watching, the topic Reading, using the methodology of literary review, mainly checking the influence of facilities, activities, cultural action and mediation of reading and educating readers. It elaborates on the importance of the School Library in the formation of critical and effective users of information. In the course of the research are also discussed products and specialized librarianship services, action and cultural events in School Libraries as methods to bring the school community closer to this important environment to educating readers. This paper discusses the services that School Libraries can offer the school community, as well as the "UNESCO School Library Manifest". In the course of the paper there a discussion of public policy, laws that the State of Sergipe approved on School Library, being still Parameters for School Library. As the main concluding remarks, the literature confirms that the absence or insufficiency of School Libraries impairs the formation of habits and tastes readers within the school environment.

Keywords: School Library. Reading. Reading Literacy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BE	Biblioteca Escolar
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
CRB	Conselho Regional de Biblioteconomia
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
GEBE	Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar
IFLA	International Federation of Library Associations
ONG	Organização Não Governamental
PELL	Plano Estadual do Livro e da Leitura
PMLL	Plano Municipal do Livro e da Leitura
PNBE	Programa Nacional Biblioteca Escolar
PNLD	Programa Nacional de Livro Didático
PNLEM	Programa Nacional de Biblioteca Escolar
PNLEM	Programa Nacional de Livro Didático para o Ensino Médio
PNLL	Plano Nacional do Livro e da Leitura
PROLER	Programa Nacional de Incentivo a Leitura
PRÓ-LEITURA	Programa Nacional de Leitura Escolar
TCU	Tribunal de Contas da União
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNESCO	United Nations Education Science and Culture Organization

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	9
1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Problema De Pesquisa	11
1.2 Objetivos.....	12
1.3 Espaço Social de Observação	12
1.4 Justificativa.....	14
1.5 Tematização e Proposição de Pesquisa	16
1.6 Hipótese Pesquisada	16
1.7 Esquematização da Monografia.....	17
2 A FUNÇÃO SOCIAL DA BIBLIOTECA ESCOLAR	18
2.1 A Biblioteca Escolar no Brasil	18
2.2 O Manifesto Unesco para a Biblioteca Escolar	19
2.3 O Projeto Mobilizador da Biblioteca Escolar.....	22
2.4 Estrutura e Funcionamento da Biblioteca Escolar no Brasil	24
2.5 Parâmetros Nacionais da Biblioteca Escolar no Brasil	26
2.6 As Políticas Públicas Voltadas para a Leitura no Brasil Com Incidência na BE	29
2.7 As Leis de Regulamentação da Biblioteca Escolar em Sergipe	33
2.8 O acervo voltado para os educadores na Biblioteca Escolar	35
3 A BIBLIOTECA ESCOLAR E A FORMAÇÃO DO LEITOR	38
3.1 Ação e animação cultural como fatores de formação do leitor na BE	40
3.1.1 Ação Cultural na Biblioteca Escolar	41
3.1.1 Animação Cultural na Biblioteca Escolar	46
3.2 Os serviços biblioteconômicos especializados da BE	47
3.3 A BE compreendida como ambiente de leitura	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

A arte de ler é a arte de pensar com um pouco de ajuda.

Émile Faguet

Sendo a Biblioteca Escolar definida por alguns autores como um espaço de castigo, local para abrigar funcionários doentes ou ainda segundo Silva (2003, p.15) “na melhor das hipóteses a biblioteca escolar é um espaço onde os alunos vão copiar verbetes” ou de uma forma mais romântica Biblioteca Escolar é na visão das pesquisadoras Adelaide Ramos e Côrte e Suelena Pinto Bandeira (2011, p.08) “Um espaço de estudo e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta o interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação do hábito de leitura”. Partindo dessas definições, o presente trabalho tem como ambiente social de observação a Biblioteca Escolar, como tema a Formação do Leitor, como metodologia a revisão literária, verificando principalmente a influência de instalações, atividades, ação cultural e mediação na formação de leitores.

O principal motivo e justificativa para escolha deste tema e deste espaço social de observação foi a pouca credibilidade da Biblioteca Escolar para a Educação Brasileira, que prejudica os objetivos a serem atingidos pela escolarização, sobretudo no Ensino Básico e Fundamental.

Uma das hipóteses para esse abandono ou inexistência de Bibliotecas Escolares, talvez seja o desinteresse por parte dos professores e bibliotecários em mudar esta situação. Outra hipótese a ser levantada também é o pouco interesse dos governos em instalarem Bibliotecas Escolares adequadas e com materiais suficientes e em diversos suportes. Como consequência, os estudantes não convivem com os diferentes tipos de suportes de leitura, obras voltadas para a leitura de lazer, fontes de informação diferentes dos livros didáticos adotados, assim não se transformando em leitores críticos.

1.1 Problema De Pesquisa

O principal problema desta pesquisa é como a instalação da Biblioteca Escolar ocorre nas escolas, como é vista pelos profissionais da Pedagogia envolvidos com o ambiente da

educação básica e fundamental, como um depósito de pessoas doentes e alunos desobedientes, que são mandados para a lá a fim de ser “readaptados” ou castigados.

1.2 Objetivos

Para cumprimento das finalidades deste trabalho de grau, assim como a verificação das hipóteses e discussão acadêmica do problema de pesquisa, serão buscados os seguintes objetivos:

Objetivo Geral

- A. Analisar a utilização da Biblioteca Escolar na formação de leitores.

Objetivos Específicos

- A. Analisar a biblioteca enquanto espaço de aprendizagem dentro da escola.
- B. Compreender os fatores do interesse ou desinteresse pelo universo da leitura por parte do público escolar e do professor.
- C. Demonstrar que a participação do bibliotecário escolar em conjunto com o professor e a gestão escolar é de fundamental importância na formação de leitores críticos dentro do ambiente escolar.

1.3 Espaço Social de Observação

Como espaço social de observação, está a Biblioteca Escolar (BE). Para discutir sobre Biblioteca Escolar, antes definiremos conceitos, sob a visão de alguns autores, algumas obras mas recentes e outras nem tanto, por tratar-se de um tema pouco aprofundado, sendo que a bibliografia mas recente trata-se de artigos científicos, publicados em encontros na área de Biblioteconomia e Documentação, Educação, sendo que o assunto passou a despertar um maior interesse depois da aprovação da Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010, que trata da universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país, um assunto de extrema importância para área, porém pouco pesquisado, havendo assim uma enorme carência nesta área.

Para atingirmos tal objetivo, vamos começar com as autoras Adelaide Ramos e Côrte e Suelena Pinto Bandeira, com a obra *Biblioteca Escolar*, do ano de 2011, um trabalho bem atual e bastante abrangente, que trata da conceituação à catalogação de obras da Biblioteca Escolar, mas iremos nos limitarmos apenas na parte das conceituações, sendo assim definida a Biblioteca Escolar “a Biblioteca Escolar é um espaço de estudos e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta o interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação de hábito de leitura.” (CÔRTE; BANDEIRA 2011, p.08).

Para as autoras, a Biblioteca Escolar é o local apropriado para os estudos, que vai ajudar tanto na educação formal quanto informal dos alunos, visto que é neste ambiente que os usuários terão os primeiros contatos com o universo da leitura, utilizando os mas diversos tipos de suportes informacionais. A Biblioteca Escolar “deve ser o lugar privilegiado da escola, o ‘pulmão’ da escola, pois, é onde acontece a socialização do saber.” (BENASSI; SAVELI, 2007, p. 3144). Para Waldeck Carneiro da Silva, na obra *Miséria da Biblioteca Escolar*, de 2003, a Biblioteca Escolar é definida da seguinte forma:

[...] a “biblioteca” é um armário trancado, situado numa sala de aula, ao qual os alunos só tem acesso se algum professor se dispõe a abri-lo... quando a chave é localizada[...] ou na melhor das hipóteses, ou na menos pior, a biblioteca é o espaço onde os alunos vão copiar verbetes.(SILVA,2003, p.15).

Na visão de Silva, a definição já é um pouco mais deprimente, ela resume bem como são as Bibliotecas Escolares brasileiras, conceituando-as como de fato são. Já Mirian Amato, define a Biblioteca Escolar da seguinte forma: “recurso indispensável para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e formação do educando.” (AMATO; GARCIA, 1989, p.11). Essa última definição nos faz também discutir a missão da Biblioteca Escolar, que segundo os princípios do Manifesto da UNESCO seria:

Oferecer serviços de apoio à aprendizagem, livros e recursos, permitindo que todos os membros da comunidade escolar tornem-se pensadores críticos e usuários efetivos da informação, em todos os formatos e mídias (UNESCO,1999).

Os docentes e pesquisadores da Ciência da Informação Valéria Aparecida Bari e Waldomiro Vergueiro, ao discutir o acervo da Biblioteca Escolar, também verificam a função desta unidade de informação na escolarização básica e fundamental:

As bibliotecas escolares brasileiras têm funções sociais essenciais na formação de leitores: a disponibilização dos suportes e linguagens da cultura letrada; a mediação da leitura e o desenvolvimento do gosto; o lazer cultural vinculado à leitura; a educação continuada para a cidadania e a empregabilidade. (BARI; VERGUEIRO, 2009, P.743).

Percebe-se que tanto na visão da UNESCO quanto na de Bari e Vergueiro a Biblioteca Escolar não tem apenas a função de disponibilizar livros por disponibilizar, a sua função vai muito além, ela irá preparar os usuários para torná-los capazes de utilizar diversos tipos de suportes informacionais, ela não só deve dar a informação como também tem que habilitá-los a fazer uso destas diferentes informações. Côrte e Bandeira descrevem que o papel (função) da Biblioteca Escolar:

É incentivar a leitura reflexiva, pois através dela o aluno terá outra concepção do texto, não como algo estático, desprovido de sentido e de valor, mas como algo vivo, repleto de significados e informações interessantes. (Severino Farias de Santana Filho, 2010 *apud* CÔRTE).

Wisniewski e Polak ressaltam que a função da biblioteca é: “dar apoio, servir de base aos objetivos da escola e oferecer materiais para todos os temas de interesse de professores e alunos.” (2009, p.4411). Ou seja, os autores esclarecem que a BE não pode trabalhar só, devem estar em união com o responsável pela biblioteca e para atingir a função “ela deve possuir um acervo, constituído de livros, revistas, coleção de obras de consulta, literatura, etc. E um profissional qualificado para organização desse material e atendimento adequado aos alunos.” (2009, p.4411). Côrte e Bandeira ressaltam que:

O acervo de uma biblioteca é a totalidade de material que ela possui, em vários suportes físicos, tais como livros, periódicos, folhetos, fitas de vídeos, CDS, DVDS, CD-ROMS, apostilas, mapas, recortes de jornais, fotos, etc. (CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p.53).

A UNESCO também compartilha das mesmas propostas dos autores acima citados, o acervo da Biblioteca Escolar deve ser o mais variado possível, pois quanto mais formatos informacionais os usuários da BE tiverem acesso, mas aumentam as possibilidades de tornarem-se pensadores críticos e efetivos usuários da informação.

1.4 Justificativa

Segundo o Manifesto da UNESCO, a Biblioteca Escolar é um espaço de formação de leitores, que tem a virtude de oferecer os primeiros contatos com a leitura, quando o estudante é originário de famílias ágrafas. Espaço que habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os também para viver como cidadãos responsáveis. Oferecendo possibilidades para tornarem-se pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios. Espaço que sugere a união de professores e bibliotecários, para que possam alcançar um maior desempenho com os alunos, tanto na escrita como na leitura. Ao oferecer os serviços, a Biblioteca Escolar deve ter o

cuidado de observar a faixa etária, raça, religião, nacionalidade, língua e status profissional e social da comunidade que estar atendendo, visto que a Biblioteca Escolar é parte integral do processo educativo. (UNESCO, 2002, p. 2).

A presença do bibliotecário escolar, como membro profissionalizante qualificado, responsável pelo planejamento e gestão da biblioteca escolar, trabalhando em conjunto com todos os membros da comunidade escolar, é de extrema importância e deve estar em sintonia com as bibliotecas públicas. Para que a biblioteca possa assegurar serviços efetivos e de responsabilidade o Manifesto sugere dentre outras providências, as seguintes:

Formular uma política própria para os serviços de biblioteca, definindo objetivos, prioridades e serviços de acordo com o currículo da escola; prover acesso a serviços a todos os membros da comunidade escolar, e funcionar dentro do contexto da comunidade local. (UNESCO).

É de extrema importância a Biblioteca Escolar na formação de leitores, assim também como seu bom funcionamento, para a constituição cultural deste público leitor, para atingir esses objetivos o trabalho usará como referencial teórico o Manifesto UNESCO para a Biblioteca Escolar, que foi aprovada pela UNESCO em sua Conferência Geral, no ano de 1999, trazendo diretrizes para compor e adequar o espaço da biblioteca escolar, preocupando-se não apenas em sua estrutura física, mas também com o seu público alvo, o quadro de pessoal que irá trabalhar.

Em seus primeiros parágrafos este manifesto esclarece que “a Biblioteca Escolar (BE) habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.”, ou seja, quanto, mas cedo se estiver contato com as bibliotecas escolares mas preparados os cidadãos estarão para enfrentar o mundo da informação, mas como colocar esses alunos neste mundo da leitura? Como transformá-los em leitores críticos? Se a maioria das escolas não tem este espaço de aprendizagem, e quando existe é formado de uma forma precária, com acervo geralmente formado por doações ou em sua maioria por livros didáticos em sua maior parte.

É orientação do Manifesto que o acervo da BE não seja apenas com livros e sim formado de outras fontes de informação, desde obras de ficção até outros documentos, impressos ou não. (UNESCO, 1999). A biblioteca deve ser um lugar para se entender e praticar a força espontânea que a leitura crítica proporciona, ou seja, a leitura deve ser um ato prazeroso, não algo obrigatório, um dos fatores que fazem com que os estudantes afastem-se da leitura, tendo aversão.

Luis Carlos Dias em seu artigo sobre a frequência à Biblioteca Escolar, diz que este local do saber não pode ser apenas usado por professores de língua portuguesa, se faz

necessário o envolvimento de todos os professores das outras áreas, dando uma maior importância para ambiente de aprendizagem.

Passado o processo de composição do acervo e do pessoal da Biblioteca Escolar, o passo seguinte é inserir os alunos no mundo da leitura, Carol Kuhlthau, apresenta diretrizes para inserir esses alunos na leitura, com atividades sequenciais, que podem ser iniciados a partir do momento em que a criança começa sua formação escolar, até as séries finais do ensino fundamental, ajudando ao estudante como trabalhar e ler cada tipo de informação, transformando-os em leitores críticos.

É partindo dessas premissas que o presente trabalho traz a Biblioteca Escolar como objeto de estudo, observando a disparidade entre as diretrizes da UNESCO e a realidade brasileira.

1.5 Tematização e Proposição de Pesquisa

Este projeto insere-se na linha de pesquisa *Mediação, Circulação e Apropriação da Informação*, abordando o tema *Formação de Leitor*, cuja delimitação dará enfoque na contribuição da Biblioteca Escolar na formação de leitores e no apoio ao ensino da leitura e escrita. A proposição da pesquisa foi feita mediante aprovação do projeto já desenvolvido pela coordenadora da Disciplina *Trabalho de Conclusão de Curso I -- TCC I*, à Profa. M^a. Martha Suzana Cabral Nunes, pela orientadora de conteúdo, a Prof^a. Dr^a. Valéria Aparecida Bari.

1.6 Hipótese Pesquisada

De acordo com as finalidades da pesquisa, foi considerada a seguinte hipótese: “A ausência ou precariedade de Bibliotecas Escolares prejudica a formação de hábitos e gostos leitores dentro do ambiente escolar.”

1.7 Esquematização da Monografia

No primeiro capítulo foi contemplada a introdução, o objeto de pesquisa, os objetivos, as metodologias e procedimentos. No segundo capítulo é discutido a Função Social da Biblioteca Escolar. Como subtema do segundo capítulo do trabalho monográfico é discutido sobre a estrutura e funcionamento da Biblioteca Escolar, como se deve organizar e funcionar este espaço dentro da escola. Mais adiante é versado sobre os Parâmetros para a Biblioteca Escolar, documento este que foi inscrito pelo Grupo de Estudos Biblioteca Escolar, o GEBE, da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, uma publicação que orienta como deve organizar ou adequar a Biblioteca Escolar dentro da Escola, com níveis, mostrando como é o ideal e o aceitável para o funcionamento do ambiente. Também discutiu aspectos políticos, como o Projeto Mobilizador da Biblioteca Escolar, as leis de regulamentação da BE em Sergipe e a formação de acervo voltado para educadores.

Já no terceiro capítulo é discutida a Biblioteca Escolar e a Formação do Leitor. Como subtemas, estão a ação e animação cultural em BE, os serviços especializados da BE.

No final do trabalho, são elaboradas as considerações finais.

2 A FUNÇÃO SOCIAL DA BIBLIOTECA ESCOLAR

O presente trabalho utilizou como principal referencial a obra especializada das autoras Adelaide Ramos e Côrte e Suelena Pinto Bandeira, publicação que tem como objeto de estudo a Biblioteca Escolar, como o título já sugere. Nesta obra as autoras versam desde a biblioteca como instrumento de aprendizagem para os alunos até a questão de conservação e preservação do ambiente e do acervo da Biblioteca Escolar.

Outro referencial usado nesta obra é o Manifesto da UNESCO, uma publicação do ano de 1999, dando orientações para a Biblioteca Escolar, material no qual traz a função e objetivos da BE, quais tipos de serviços ela deve oferecer. A Apostila Disciplinar Organização de Bibliotecas Escolares, da autora Valéria Aparecida Bari (2013) também é mais um dos referenciais teóricos utilizados neste trabalho, correspondendo ao recurso didático da disciplina que tem como tema central a Biblioteca Escolar.

2.1 A Biblioteca Escolar no Brasil

A história da Biblioteca Escolar no Brasil confunde-se com as primeiras bibliotecas aqui chegadas, segundo Edson Nery da Fonseca (2012, p.56) “as primeiras bibliotecas brasileiras foram organizadas pelos jesuítas em seus colégios, [...] se no início tinha caráter privado, com o tempo se tornou público, estávamos nos meados do século XVI.” Ou seja, as primeiras bibliotecas instaladas no Brasil foram Bibliotecas Escolares, certo que ainda não eram vistas como tal e não exerciam a função social verificada nas atuais referências especializadas, pois as bibliotecas instaladas pelos jesuítas estavam, segundo Carvalho Silva (CARVALHO SILVA *apud* GUIMARÃES, 2013, p.19) “relacionadas à instituição da Igreja.”

Inicialmente, essas bibliotecas começaram a ser construídas na Bahia, mas com o tempo foram sendo também instaladas em outras capitanias. As construções desses colégios não foram apenas pelos Jesuítas, pois segundo Guimarães (CARVALHO SILVA *apud* GUIMARÃES, 2013, p.19) “no século XVII, chegaram outras ordens religiosas, que introduziram seus colégios, assim como estruturaram suas bibliotecas escolares com vistas a promover o acervo adequado para seus usuários.” As ordens dos Franciscanos, Beneditinos e Carmelitas, por volta de meados do século XVII, também deram sua contribuição,

alfabetizando o povo brasileiro. O acervo destas instituições segundo Lucia Helena Maroto (2009, p.44), era:

Constituídas por preciosas coleções que abrangiam os mais diversos ramos do conhecimento. Adquiridas através de compras e doações, mantinham-se acessíveis aos padres, alunos e a quaisquer outras pessoas que elas recorressem em busca de informação.

Como podemos perceber, desde outrora a BE não servia apenas aos seus estudantes, ela atendia também as necessidades dos professores e a comunidade exterior, função hoje pouco desenvolvida pelas Bibliotecas Escolares brasileiras, que mal atendem aos alunos deste ambiente.

2.2 O Manifesto Unesco para a Biblioteca Escolar

Em 1999 a *International Federation of Library Associations* (IFLA) e a *United Nations Education Science and Culture Organization* (UNESCO) publicaram um documento conhecido internacionalmente como “Manifesto da Biblioteca Escolar”, com o título *A Biblioteca Escolar no Ensino e Aprendizagem para Todos*. Sua tradução para o Português foi feita pela professora Dra. Neusa Dias de Macedo, este documento fala dos objetivos da Biblioteca Escolar, seus serviços, que tipo de material deve-se ser oferecido neste ambiente, ou seja, um documento bastante importante para o campo teórico e a prática social da Biblioteconomia e Documentação, em especial para a Biblioteca Escolar, espaço esse esquecido, que não tem sua devida importância.

A BE, do ponto de vista da Educação, é um recurso pedagógico da unidade escolar pouco discutido e trabalhado, este que é de fundamental importância, pois é neste ambiente que os alunos terão os primeiros contatos com os mais diversos tipos de informação e suportes. É na Biblioteca Escolar que os estudantes vão aprender a desenvolver os gostos leitores espontâneos, sendo preparados para viver como cidadãos responsáveis, ideia esta que é do Manifesto UNESCO.

O Manifesto explana logo em seus primeiros parágrafos, a missão da Biblioteca Escolar, que é “oferecer serviços de apoio à aprendizagem, livros e recursos, permitindo que todos os membros da comunidade escolar tornem-se pensadores críticos e usuários efetivos da informação, em todos os formatos e mídias.” (UNESCO, 1999, p.01).

A missão da Biblioteca Escolar não é servir de espaço para copiar verbetes enciclopédicos, como bem explica o Manifesto. A BE deve apoiar os alunos em sua

aprendizagem, não apenas com livros didáticos, mas incluir em seu acervo outros tipos de fontes de informação, como vídeos, mapas, computadores, entre outros, pois quanto mais suportes informacionais a Biblioteca Escolar disponibilizar, com mais facilidade poderá cumprir sua missão, que é tornar seus usuários críticos e pensadores, que possam ter a habilidade de usar e interpretar todo tipo de informação.

Os serviços da Biblioteca Escolar devem ser oferecidos de forma que atenda a todos, de maneira igual e gratuita, não deve cobrar pelos serviços oferecidos aos seus usuários como bem sugere o Manifesto, lembrando-se de acomodar pessoas que possuam alguma deficiência física, de maneira inclusiva e assistiva¹.

É de fundamental importância a união de professores e bibliotecários, para que a BE possa cumprir sua missão, que é a de formar leitores críticos e usuários efetivos da mais variada informação. A UNESCO sugere ainda que além dessa união, a BE faça parcerias com entidades externas, que vai ajudar no cumprimento de sua missão.

A BE precisa possuir recursos financeiros próprios para investir em profissionais capacitados, conseguir equipamentos tecnológicos novos, com estes recursos ela também pode fazer pequenas reformas nas instalações, para que não fique esperando a boa vontade da escola ou do governo para fazer pequenas mudanças no espaço ou até mesmo investir o recurso financeiro que venha a possuir em novos materiais informacionais.

O manifesto da UNESCO afirma que alguns problemas podem ser enfrentados pela Biblioteca Escolar, dependendo da região em que ela funcione, como por exemplo, o fato de dar apoio a todos os estudantes a aprender e praticar habilidades necessárias para avaliar e usar informações, independente de sua forma, formato ou mídia. Porém, nem sempre este apoio pode ser dado, pois a maior parte das BEs brasileiras possui apenas em seu acervo livros, que em maior parte são didáticos, sendo às vezes impossível disponibilizar outro formato de informação, que não seja o livro.

As BEs devem proporcionar acesso a recursos locais, regionais e nacionais, dando oportunidade para que os alunos exponham suas ideias, experiências e opiniões, mas nem sempre isso acontece.

¹Entende-se por tecnologia assistiva o conjunto de recursos facilitadores, instrumentos ou utensílios que especificamente contribuam no desempenho da tarefa desejada, superando alguma restrição ou deficiência orgânica. No caso da BE, as tecnologias assistivas são essenciais à inclusão dos alunos portadores de cegueira, surdez, paralisia cerebral ou outros diferenciais no movimento e nos sentidos utilizados para a leitura, visão ou audição de fontes de informação.

Outra dificuldade que a BE pode enfrentar segundo o manifesto da UNESCO é a de defender o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais para a cidadania efetiva e responsável para a participação na democracia.

Entre os objetivos da Biblioteca Escolar, que é parte integral do processo de educação dos alunos, a UNESCO que diz que a mesma deve apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola, ou seja, a BE deve dar suporte à escola na formação de seus alunos.

Outro objetivo é o de desenvolver e manter o gosto à leitura nas crianças, ensinando-as a usar ao mas variados recursos, fontes e suportes de informação. A BE também precisa oferecer momentos em que a comunidade escolar possa produzir e fazer uso da informação, permitindo que eles ponham sua imaginação em pratica.

A BE deve apoiar todos os estudantes na sua aprendizagem e pratica do uso da informação, em suas variadas formas, suportes ou meios também são uns dos objetivos da Biblioteca Escolar. A união dos estudantes, professores, administradores, pais e outros membros da comunidade escolar com os bibliotecários é de fundamental importância para que a BE possa cumprir seus objetivos.

Em relação à questão de equipe da BE, o Manifesto é claro quando diz que o Bibliotecário Escolar é o profissional qualificado que deve ficar responsável pelo planejamento e gestão; quando possível ter uma equipe adequada, para se trabalhar em conjunto com a comunidade escolar, sempre em sintonia com outras unidades de informação, como a Biblioteca Pública.

O Manifesto esclarece ainda que o papel do bibliotecário escolar vai depender muito do orçamento, do currículo e da metodologia de ensino, mas sempre obedecendo ao quadro legal e financeiro de cada país, como é o caso do Brasil, que desde o ano de 2010, sancionou a Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010, que trata da universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país. A UNESCO esclarece que, dependendo da área de conhecimento, a presença do bibliotecário é vital para o bom funcionamento da BE, tais como a gestão da biblioteca, dos recursos da informação e ensino, a ação e animação cultural.

Para que a BE possa assegurar seus serviços de uma forma efetiva e com responsabilidade, alguns itens precisam ser observados, como orienta o manifesto, para que é ter uma política própria para os serviços de que biblioteca está oferecendo, ela precisa definir seus objetivos prioridades e serviços sempre de acordo com o plano político pedagógico da escola, pois a Biblioteca Escolar não deve funcionar dissociada da escola e dos professores,

caso isso aconteça não poderá formar e habilitar leitores críticos e efetivos usuários da informação.

A Biblioteca Escolar deve garantir o acesso às informações a toda a comunidade escolar e seu funcionamento deve ser dentro do contexto da comunidade local. Precisa incentivar a cooperação entre professores, gestores experientes na área pedagógica, administradores pais, bibliotecários e profissionais da informação em prol da Biblioteca Escolar.

Este Manifesto deve ser aplicado por intermédio de Ministérios da Educação e Cultura, e cada governante de cada país para desenvolver estratégias, políticas e planos de implementação aos princípios deste manifesto. No Brasil, a demora de onze anos que separa a publicação internacional do Manifesto UNESCO e a promulgação da Lei nº.12.244, ainda projetada para mas uma década a implantação das BEs em território nacional, demonstra a falta de interesse e baixa representatividade desta unidade de informação na educação brasileira. Ainda devemos observar que esta evolução ocorreu por meio de movimento social dos Bibliotecários e Documentalistas, por meio do Projeto Mobilizador.

2.3 O Projeto Mobilizador da Biblioteca Escolar

O Sistema CFB/CRB, com estudos de inteligência organizacional no ano de 2007, criou um projeto estruturante que tinha o objetivo de promover politicamente a Biblioteca Escolar e forçar a promulgação de Leis e programas federais voltados para sua implantação universal na educação brasileira. De uma forma resumida, na visão de Bari (2013, p.30) o Projeto Mobilizador é uma iniciativa que:

Propõe o estabelecimento de um amplo esforço nacional, visando promover maior qualidade no ensino público através da criação e implantação de uma rede de informação dinâmica e eficaz. Indica que o país há muito tempo, se recente da falta de bibliotecas nas escolas, embora dados oficiais mostrem que há um vertiginoso crescimento da oferta de acervo nas escolas de ensino básico em detrimento a promoção de serviços que permita o acesso aos saberes existentes nas coleções distribuídas.

Este projeto é direcionado atender duas vertentes, que são voltadas para:

- A. a sociedade em geral, pois as ações que serão feitas foca a formação do cidadão em processo de desenvolvimento no âmbito da escola;
- B. os bibliotecários, cujas competências e habilidades profissionais garantirão a qualidade do serviço oferecido, de uma forma que universalize e facilite o

acesso à informação, em especial para a população jovem (infantil e infanto-juvenil) que estão inseridas no contexto escolar brasileiro.

O Projeto Mobilizador também gerou um documento com diretrizes, que propõe o estabelecimento um amplo esforço nacional, promovendo uma maior qualidade no ensino público com criação e implantação de uma rede de informação eficaz e dinâmica. Destaca ainda que a oferta de um serviço eficiente de informação para a formação de autonomia crítica do cidadão brasileiro passa pela concepção de uma competência informacional, função também que cabe a Biblioteca Escolar.

O Projeto Mobilizador ainda oferece as estratégias que precisam ser adotadas para execução da proposta, destacando todos os possíveis parceiros e responsáveis, ainda dão indicadores que permitem avaliar este projeto. Sua configuração defendida pelo Sistema CFB/CRB configura tal intervenção sob estas perspectivas:

- A. **Social:** contempla prioritariamente a sociedade como seu público-alvo a ser beneficiado;
- B. **Profissional:** exigir uma melhoria na qualidade do perfil do bibliotecário envolvido, tanto no atendimento ao público, quanto na operacionalização do sistema;
- C. **Filosófico:** exigir consistência na legislação e nos programas de implantação, para que realmente as BEs funcionem como devem ser;
- D. **Educacional:** solicitar a alteração da estrutura curricular das graduações, para contemplar a formação do profissional egresso da formação superior na área da Biblioteca Escolar, seus produtos e serviços biblioteconômicos.

Em relação à perspectiva educacional, Bari (2013, p30) resume da seguinte forma:

Uma vez que diante da fragilidade, em termos legais e operacionais, da Biblioteca Escolar na Rede Pública de Ensino, e do importante papel que ela assume como complemento à sala de aula, na descoberta e na consolidação do conhecimento, é preciso que ela se fortaleça, inserindo-se em um contexto maior, fazendo emergir deste cenário a necessidade da constituição de um sistema estruturado e dotado de permanência.

O âmbito filosófico motiva-se pela convicção que a BE não deve ficar na dependência de uma legislação inconsistente ou ser levada com pouca seriedade na questão de sua implementação. Que sua situação leve em consideração que o conhecimento acumulado e registrado pelo ser humano ao longo do tempo é condição para refletir e a avanço nos mas diversos níveis: leitura, aprendizagem e pesquisa, movidos até pela simples curiosidade, que levam o usuário da BE a dar um passo à frente.

No ano de 2009, o Projeto Mobilizador foi ampliado em suas atribuições e tomou dimensões de um programa de ambientação nacional e a partir dele outras medidas aconteceram, como a promulgação da Lei nº.12.244, assim como a criação dos Parâmetros da Biblioteca Escolar no Brasil e a aparição da Biblioteca Escolar no Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) e em suas versões locais, o Plano Estadual do Livro e da Leitura (PELL) e o Plano Municipal do Livro e da Leitura (PMLL).

2.4 Estrutura e Funcionamento da Biblioteca Escolar no Brasil

A estrutura da BE vai muito além de estantes com livros, mesas e cadeiras, sua organização tem que estar preparada para cumprir sua função. Para Bari (2013, p.20), “a Biblioteca Escolar tem de ser preparada e estruturada para funcionar, ou seja, oferecer seus produtos e serviços biblioteconômicos: consulta; empréstimo; pesquisa; ação cultural; extensão.” É também de conhecimento que quase nenhuma escola pública tem uma Biblioteca Escolar, ficando a maioria delas em estabelecimentos de educação privada do ensino, básico, fundamental, médio e técnico, principalmente quando existe a oferta de educação superior compartilhando as instalações.

Na maioria dos prédios escolares, o espaço da biblioteca não foi projetado, ficando então a Biblioteca Escolar no esquecimento e quando há este espaço, nem sempre é adequado, por vezes é uma pequena sala nos fundos da escola, uma minúscula sala, numa localização nada boa, um local barulhento e de difícil acesso, em condições climáticas péssimas tanto para os livros como para os usuários.

Quando o espaço é pensado na construção do prédio escolar, alguns cuidados devem ser tomados em seu layout. Bari (2013, p. 20) sugere que o layout da biblioteca distribua da melhor forma o espaço físico, para que o ambiente fique o mais agradável e sinalizado possível, que possa comportar o mobiliário, o acervo e o espaço de pesquisa. Ela ainda ressalta que a iluminação, temperatura, acústica e cores do espaço também sejam pensadas no layout, preocupação também de Andrea Kluge Pereira (2006, p.09) que diz “paredes e tetos claros facilitam a difusão da luz. Sempre que possível, mantenha portas e janelas abertas.”

Quando a escola não tem espaço apropriado, mas tem a boa intenção de criar ou adequar um espaço para sua instalação, também se devem tomar as mesmas medidas. Sabemos que a maioria das bibliotecas escolares, na verdade, não passam de salas de leitura, por não possuir o profissional formado em Biblioteconomia e Documentação. Estão localizadas em pequenas salas, disputando espaço com outros objetos que não são o

mobiliário nem o acervo necessário para o funcionamento. Côrte e Bandeira (2013, p.19) afirmam que “a biblioteca, por mais simples e pequena que seja, deve ser um local agradável onde as pessoas gostem de estar.” Ou seja, pode ser uma minúscula sala, mas se estiver bem organizada, com um bom layout sempre vai agradar os olhos de quem frequenta, imagine uma BE além de pequena, com uma péssima iluminação e circulação de ar? Qual usuário iria voluntariamente até este ambiente?

Caso a escola decida organizar um espaço para se criar a Biblioteca Escolar, este local deve ser o mais acessível possível, que esteja próximo da passagem dos alunos e dos professores, que também seja de fácil acesso para as pessoas que tenham algum problema de locomoção. O espaço não pode ter muito barulho externo, pois como sabemos silêncio é fundamental num ambiente de estudo e pesquisa. A iluminação e ventilação também precisam ser adequadas, a BE não pode ter muita incidência do sol, pois é prejudicial tanto para os usuários como para o acervo.

Na Biblioteca Escolar, Côrte e Bandeira (2013, p.20) recomendam que haja espaço para “o acervo geral, a coleção de referência, a coleção de periódicos, coleção infantil, locais específicos para instalação de equipamentos: computadores, gravadores, aparelhos de DVD, videocassetes e sala para projeções.”

Se a BE não dispuser de um espaço tão grande para abrigar o que recomenda a autora no parágrafo anterior, o ideal é organizar da melhor forma possível, de forma que não ocupe demais a BE, é importante lembrar que é de fundamental importância pensar num espaço tanto para consulta individual como em grupo. Se o responsável por este espaço quiser pode reservar um pequeno espaço com almofadas, tapetes, baús com livros e gibis, cestos com revistas e jornais, pensando no público infantil. O mobiliário da BE tem que atender ao seu público alvo, ou seja, tem que ser proporcional em tamanho a idade de cada aluno.

Em relação às estantes da BE, é preferível que adotem as de alumínio, não é aconselhável as de madeiras por causa dos cupins, que podem aparecer com o tempo. Bari (2013, p.20) sugere que a altura das estantes deva ser de no máximo um metro quando for para crianças e um metro e oitenta, no caso de adolescentes e adultos, com largura das sessões de um metro, o espaço de uma estante e outra é de setenta e seis centímetros a um metro, permitindo que os usuários circulem entre elas quando necessário.

O piso da BE tem que ser de um material de fácil conservação e limpeza, de preferência que seja antiderrapante, para evitar acidentes. Em relação à circulação de usuários, a biblioteca deve ter apenas uma entrada, que vai servir para a entrada e a saída, deve-se também pensar em portas mais largas para as pessoas com dificuldade de locomoção, acima

de oitenta centímetros. É bom pensar num balcão de atendimento aos usuários, com espaço para guarda-volumes, onde os estudantes possam guardar seus materiais ao entrarem, como medida para se evitar furtos das obras, problema comum, independente do tipo de biblioteca. Se a biblioteca dispuser de um programa antifurto com portas magnéticas, não há a necessidade da utilização de guarda-volumes.

O horário de funcionamento da BE, o ideal é que seja em tempo integral. Caso não der para ficar em funcionamento em tempo integral, que fique aberta nos horários antes do ingresso do aluno em sala de aula e nos intervalos entre as aulas.

Boa parte das questões da estrutura e funcionamento da BE são complementadas e verificáveis, por meio dos Parâmetros Nacionais da Biblioteca Escolar no Brasil, que estabelecem as melhores condições de qualidade para implantação e planejamento de melhorias na BE.

2.5 Parâmetros Nacionais da Biblioteca Escolar no Brasil

Os Parâmetros Nacionais da Biblioteca Escolar² fazem parte das pesquisas desenvolvidas e publicadas pelo Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE), vinculado à Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG). Na parceria que foi proposta pelo sistema CFB/CRB em 2009, estes parâmetros foram implementados e divulgados pelas ações do Projeto Mobilizador.

Os Parâmetros servem como publicação de referência para verificação da qualidade das Bibliotecas Escolares do Brasil, trazendo orientações para implantação e planejamento. A metodologia de implantação dos Parâmetros é iniciada por meio da aplicação de instrumento de sondagem e elaboração de diagnóstico inicial de qualidade. Então, apresentaram-se indicadores que apontam níveis atuais e a serem alcançados, que vão depender do planejamento escolar e das possibilidades de cada escola ou rede. São dois níveis de qualidade descritos: o **básico** e o **exemplar**.

No **nível básico**, os indicadores são o ponto de partida, que serve para orientar as escolas que têm ou desejam criar ou reformular BEs em seus espaços escolares e, no **nível exemplar**, são mostrados os indicadores que significam um horizonte para ser alcançado.

² Para evitar mal entendidos, não utilizaremos a sigla PNBE para identificar neste trabalho de grau os *Parâmetros Nacionais da Biblioteca Escolar*, ação política do Sistema CRB/CFB, que têm iniciais coincidentes com o *Programa Nacional da Biblioteca Escolar*, ação política do Ministério da Educação. Nos referiremos neste trabalho a este documento apenas como “Parâmetros”.

Como bem explica o documento do GEBE (2010), estes Parâmetros são flexíveis, que podem ser planejados e alterados. Sua verificação faz com que os indicadores sejam convertidos em instrumentos úteis para balizar o aperfeiçoamento das BEs do país, mesmo quando geridas por leigos da área da Ciência de Informação, advindos de outras formações, como no caso dos Professores e Pedagogos.

O documento está composto em duas partes, sendo que a primeira é um conjunto de indicadores relativos a espaço físico, questão do acervo, computadores com acesso à internet, organização do acervo, serviços e atividades, pessoal, e a segunda parte é um instrumento de avaliação e planejamento, que permite que a unidade escolar analise e avalie detalhadamente sua BE e que possibilite traçar metas e prazo para o aperfeiçoamento da mesma.

Em relação ao espaço físico da BE, os Parâmetros sugerem que seu planejamento de espaço deva atender a função do acervo e do uso que se pretende dele fazer, devendo conter além de sala com espaço para abrigar o acervo geral, ser previsto o espaço para uso tanto individual como em grupo, por parte dos usuários da biblioteca, um espaço específico para abrigar e usar equipamentos eletrônicos (computadores, gravadores, videocassetes), outro espaço separado para a coleção infantil. Caso a escola não disponha de um espaço tão grande assim para abrigar a BE, suas atividades precisam ser planejadas com o máximo de cuidado, otimizando da melhor forma os espaços disponíveis. Em questão dos níveis quanto ao espaço físico, no **nível básico** deve ter de 50 metros quadrados até 100 metros quadrados, e em **nível exemplar** tem que ter acima de 300 metros quadrados.

Em relação aos assentos para os usuários da BE que vão pesquisar neste ambiente recomenda-se no **nível básico** ter assentos suficientes para acomodar ao mesmo tempo uma turma inteira, além de usuários avulsos e no **nível exemplar** os assentos precisam ser suficientes para acomodar ao mesmo tempo uma classe inteira, usuários avulsos e grupos de alunos.

Os Parâmetros aclaram ainda que além dos ambientes planejados para os serviços aos usuários da BE, também é preciso pensar no ambiente de trabalho para os serviços técnicos e administrativos, em **nível básico** precisam ter um balcão de atendimento, uma mesa, uma cadeira e computador com acesso à internet, para uso exclusivo de seus funcionários e em **nível exemplar** devem possuir um balcão de atendimento e um ambiente específico para as atividades técnicas, com uma mesa, uma cadeira e um computador com acesso à internet, para uso exclusivo de cada um dos funcionários.

Passada a parte do espaço físico da BE, os Parâmetros vão tratar da questão do acervo, que como bem sabemos deve atender a proposta de aprendizagem dos alunos e ser o mais

variado possível e que se mantenha sempre atualizado, uma das dificuldades que a grande parte das bibliotecas sofre em geral, não dispondo de recursos orçamentários para tal.

O acervo de livros deve ser compatível com o número de alunos, que no **nível básico** é de um título por aluno, como também recomenda a Lei de Universalização, Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010. Já no **nível exemplar** é recomendado a partir de quatro títulos por aluno, não havendo a necessidade de mais de cinco exemplares de cada título, sempre pensando na variedade de gêneros e fontes de informação que destina-se aos variados usos escolares, como por exemplo: atlas, enciclopédias, dicionários e etc.

Quanto a computadores com acesso à internet que são usados na BE como uma fonte de informação a complementar o acervo, é sugerido em **nível básico** de pelo menos um computador ligado à internet para servir a professores e alunos em atividades de ensino, o **nível exemplar** é ter computadores com acesso a internet para professores e alunos em atividades de ensino em número suficiente para uma classe inteira.

Na organização do acervo da Biblioteca Escolar, os Parâmetros reforçam que precisa estar organizado de uma forma que os materiais sejam encontrados com facilidade pela comunidade escolar. Em seu **nível básico**, necessita ter um catálogo que inclua no mínimo os livros do acervo, que possam ser recuperados por autor, título e assunto, o **nível exemplar** orienta que o catálogo da BE seja informatizado e que tenha a possibilidade de um acesso remoto de todos os itens do acervo, que seja permitido recuperar a informação não só por autor, título e assunto, mas também por outros pontos de acesso.

Os serviços e atividades da biblioteca também são lembrados pelo documento, que precisam ser oferecidos com regularidade em seu **nível básico** são: consulta no local, empréstimo domiciliar, atividades de incentivo à leitura e orientações à pesquisa, já em relação ao **nível exemplar** além dos serviços do nível básico podem oferecer serviço de divulgação de novas aquisições, exposições e serviços específicos aos professores como levantamento bibliográfico e boletim de alerta.

A equipe da BE, que além de um profissional de biblioteconomia, precisa ter também funcionários para atender aos usuários em todos os turnos que a BE estiver funcionando, que no **nível básico** é um bibliotecário supervisor que fica responsável por um grupo de bibliotecas, além de auxiliares em cada uma das bibliotecas, por turno, o **nível exemplar** aconselha um bibliotecário responsável pela biblioteca e pessoal auxiliando em cada turno de acordo com o número de alunos da escola.

Passadas estas orientações, os Parâmetros seguem para a segunda parte, que vai trabalhar com o instrumento de avaliação e planejamento, tendo como objetivo ajudar a

Direção Escolar ou comissão de Biblioteca Escolar a elaborar o diagnóstico da qualidade e planejamento, criando metas para aperfeiçoar cada vez mais e aproximar-se do **nível básico**, atingi-lo e buscar o **nível exemplar**.

Os Parâmetros dão orientações para que a Biblioteca Escolar possa atender e funcionar eficientemente, exercendo suas funções que dentre várias podemos citar a de dar apoio ao currículo escolar. Sabemos que nem toda BE brasileira tem essa realidade, principalmente as de instituições públicas, que quando existem, estão em espaços inapropriados, como bem colocam Gláucia Mollo e Maria José Nóbrega (2011, p.04):

Dados do Censo Escolar 2010, realizado pelo Ministério da Educação (MEC), revelam uma situação preocupante: a cada dez escolas, sete não têm um acervo de livros disponível para seus estudantes. Apenas 30,4% das escolas brasileiras, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, possuem bibliotecas. Um percentual menor do que as 38,9 % com acesso à internet.

Ou seja, mesmo com uma legislação que obriga a implantação da BE, a realidade ainda é precária, muita coisa ainda precisa ser mudada e feita. Por meio dos Parâmetros, elaborados por profissionais da área, já é possível dar um grande passo, mesmo que a escola não disponha de um profissional na área de Biblioteconomia, mas tenha a intenção de instalar ou adequar o espaço da biblioteca dentro da escola. Por meio deste documento autoexplicativo, dirigentes escolares terão o mínimo de conhecimento sobre este ambiente de grande importância na formação intelectual e cultural dos alunos.

Os Parâmetros mostram que, mesmo que as escolas tenham a boa intenção de instalarem bibliotecas em seus espaços, esta não se constitui simplesmente por alguns livros em uma sala qualquer e a disponibilização de um funcionário qualquer, em função estar aberta a BE. Não é assim, o espaço da Biblioteca Escolar, mesmo que inadequado, tem que estar minimamente preparado para atender e cumprir seus objetivos perante a comunidade escolar, que vão muito além do simples fato de apenas oferecer livros aos alunos quando vão fazer algum tipo de pesquisa escolar.

2.6 As Políticas Públicas Voltadas para a Leitura no Brasil Com Incidência na BE

Nos últimos anos, o Brasil vem dando certa importância para as políticas públicas voltadas tanto para a leitura, formação de leitores e bibliotecas em geral, mas antes de falarmos dessas políticas públicas voltadas para essa área, se faz necessário definirmos o que vem a ser uma política pública. Segundo a pesquisa de Selma Martines Peres, buscando o

conceito mais adequado de política pública, se utiliza do referencial de vários especialistas, organizado por Souza (2006 *apud* PERES, 2009, p.03):

Mead (1995) a define como um campo dentro do estudo da política que analisa o governo à luz de grandes questões públicas e Lynn (1980), como um conjunto de ações do governo que irão produzir efeitos específicos. Peters (1986) segue o mesmo veio: política pública é a soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou através de delegação, e que influenciam a vida dos cidadãos. Dye (1984) sintetiza a definição de política pública como “o que o governo escolhe fazer ou não fazer”. A definição mais conhecida continua sendo a de Laswell, ou seja, decisões e análises sobre política implicam responder às seguintes questões: quem ganha o quê, por quê e que diferença faz.

Como podemos perceber, as políticas públicas sempre vão ser feitas para atender uma necessidade de certo grupo social ou, como sintetizado por Peres a partir de suas leituras, as políticas públicas são criadas na realidade para assegurar os direitos dos cidadãos que não são cumpridos. No Brasil, como afirma Peres, é o caso das políticas voltadas para área da leitura, cujas leis e programas são realizados para garantir que os cidadãos possam ter a garantia de acesso a informação.

Para as autoras Flávia Goullart Mota Garcia Rosa e Nanci Oddone, docentes da Ciência da Informação, (2006, p.185) “uma política pública reflete a vontade de diferentes setores da sociedade em avançar para uma determinada direção e representa uma articulação coerente de medidas para transformar uma situação.” Como bem citado pelas autoras, as políticas públicas nascem para mudar uma determinada situação.

São muitas as iniciativas de políticas públicas voltadas para temática da leitura, formação de leitores e diferentes tipos de bibliotecas, justamente nos casos em que a sociedade pleiteia a implantação ou a melhoria da qualidade dos serviços.

O Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), iniciativa que foi apresentada pelos Ministérios da Cultura e da Educação a partir do ano de 2006 e transformado no Decreto Lei n.º.7.559, de 1.º de setembro de 2011, cujos objetivos são melhorar a realidade da leitura no Brasil, democratizar o acesso ao livro, fomentar a leitura e a formação do leitor e apoiar a economia do livro. O PNLL é uma política pública que é liderada pelo Governo Federal, em seus Ministérios da Educação e Cultura, em participação com diversos atores sociais como os Estados, Universidades, A Fundação Biblioteca Nacional, Redes e Sistemas Educacionais, setores privados de Editoração e comércio livreiro, e demais organizações da sociedade civil e Organizações Não-Governamentais (ONGs).

O PNLL está dividido em quatro eixos estratégicos, dezenove linhas de ação e um calendário anual de eventos, conforme trecho do Decreto Lei n.º.7.559 (BRASIL, 2011, Art. 10, Par. Único)

I - eixo estratégico I - democratização do acesso:

- a) linha de ação 1 - implantação de novas bibliotecas contemplando os requisitos de acessibilidade;
- b) linha de ação 2 - fortalecimento da rede atual de bibliotecas de acesso público integradas à comunidade, contemplando os requisitos de acessibilidade;
- c) linha de ação 3 - criação de novos espaços de leitura;
- d) linha de ação 4 - distribuição de livros gratuitos que contemplem as especificidades dos neoleitores jovens e adultos, em diversos formatos acessíveis;
- e) linha de ação 5 - melhoria do acesso ao livro e a outras formas de expressão da leitura; e
- f) linha de ação 6 - disponibilização e uso de tecnologias de informação e comunicação, contemplando os requisitos de acessibilidade;

II - eixo estratégico II - fomento à leitura e à formação de mediadores:

- a) linha de ação 7 - promoção de atividades de reconhecimento de ações de incentivo e fomento à leitura;
- b) linha de ação 8 - formação de mediadores de leitura e de educadores leitores;
- c) linha de ação 9 - projetos sociais de leitura;
- d) linha de ação 10 - estudos e fomento à pesquisa nas áreas do livro e da leitura;
- e) linha de ação 11 - sistemas de informação nas áreas de biblioteca, bibliografia e mercado editorial; e
- f) linha de ação 12 - prêmios e reconhecimento às ações de incentivo e fomento às práticas sociais de leitura;

III - eixo estratégico III - valorização institucional da leitura e de seu valor simbólico:

- a) linha de ação 13 - ações para converter o fomento às práticas sociais da leitura em política de Estado; e
- b) linha de ação 14 - ações para criar consciência sobre o valor social do livro e da leitura; e

IV - eixo estratégico IV - fomento à cadeia criativa e à cadeia produtiva do livro:

- a) linha de ação 15 - desenvolvimento da cadeia produtiva do livro;
- b) linha de ação 16 - fomento à distribuição, circulação e consumo de bens de leitura;
- c) linha de ação 17 - apoio à cadeia criativa do livro e incentivo à leitura literária;
- d) linha de ação 18 - fomento às ações de produção, distribuição e circulação de livros e outros materiais de leitura, contemplando as especificidades dos neoleitores jovens e adultos e os diversos formatos acessíveis; e
- e) linha de ação 19 - maior presença da produção nacional literária, científica e cultural no exterior.

Os objetivos buscados pelos quatro eixos temáticos e dezenove linhas de ação do PNLL se relacionam de várias formas com a implantação universal das BEs, porque será o ambiente social mais adequado aos primeiros contatos e primeiras mediações de leitura fora da sala de aula (onde ocorre a aprendizagem das habilidades e competências leitoras).

Outras políticas públicas estão indiretamente ligadas à existência da BE na rede pública de ensino e às oportunidades de leitura dos estudantes: o Programa Nacional de Livro Didático (PNLD), é do ano de 1985 e funciona até os dias de hoje. O Programa Nacional de Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), é do ano de 2005, e também funciona até os dias atuais, cujo objetivo é distribuição progressiva o livro didático para alunos no ensino médio.

O Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE) foi criado em 1997, pelo Ministério da Educação e Desporto (MEC) e tem como objetivo primordial distribuir recursos para a implantação das BEs. Com isso, possibilitar o acesso dos alunos e professores à informação, contribuindo para fomentar a prática da leitura e formação dos leitores das escolas de ensino fundamental. Este programa forma os acervos das Bibliotecas Escolares, enviando para as unidades escolares obras de referência, literatura e de apoio à formação dos professores. O acervo passa por um processo de escolha e seleção por especialistas, com edital previamente divulgado.

Mesmo com este programa que forma um acervo para as bibliotecas das escolas, ainda é não é o ideal para formação de leitores dentro da BE, pois não adianta apenas disponibilizar os livros, é preciso fazer com que os alunos tenham acesso a eles, possam usufruir e fazer uso dessas variadas fontes de informação. Não só os alunos, como também os professores, visto que o PNBE também disponibiliza um acervo voltado para dar apoio aos educadores. Mas, como lacuna do referido Programa, não existe planejamento da equipe da BE, nem do espaço, nem é cobrado dos Dirigentes que utilizem estas obras adequadamente.

Desta forma, há mais de dez anos que órgãos controladores como o Tribunal de Contas da União (TCU), avaliam negativamente o PNBE, mas nenhuma providência foi tomada até a renovação legal ocorrida em 2010, já explicitada neste trabalho. Assim, em documento específico, o TCU afirma que:

O trabalho constatou que o FNDE tem mostrado grande eficácia operacional na distribuição dos acervos do Programa para as escolas beneficiadas. Foram atendidas 20 mil escolas em 1998 e 36 mil em 1999, com previsão de atendimento de 139 mil escolas em 2002. Todavia, também se verificou que o PNBE não tem atividades de monitoramento e avaliação bem estruturadas. O MEC não dispõe de informações que permitam conhecer o nível de utilização dos acervos, bem como os problemas que podem estar afetando a efetividade do uso dos livros no desenvolvimento escolar dos alunos.[...] Por fim, foi também constatado que não há previsão de ações de apoio direcionadas para as escolas mais carentes. Essas escolas apresentam deficiências que podem comprometer seriamente o uso dos acervos recebidos se não receberem atenção diferenciada por parte da gerência do PNBE.[...] A falta de um espaço adequado para a guarda e utilização dos acervos atende a comprometer a qualidade do trabalho pedagógico que essas escolas podem realizar. Dessa forma, é preciso oferecer apoio especial às escolas carentes para atenuar o quadro de dificuldades e aproximá-las de uma situação mais favorável. (BRASIL, 2002, p.9-10)

Em relação à formação de leitores nos espaços sociais, podemos citar o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), que foi criado em 1992 que tem como objetivo estruturar uma rede de programas capaz de consolidar práticas leitoras, fazer crescer a consciência e a demanda das condições de acesso variado aos bens culturais. Seu público alvo são os dirigentes de espaços públicos voltados para a leitura e interessados na área da leitura,

atualmente este programa está vinculado à Fundação Biblioteca Nacional (FBN), sua sede está na Casa da Leitura, no Rio de Janeiro.

O PROLER apresenta ações que possam fomentar a prática da leitura no Brasil, respeitando as diversidades culturais e sociais das quais podemos citar: formação de uma rede nacional de incentivo à leitura; cursos de formação de promotores; implantação de Bibliotecas Demonstrativas para crianças e adolescentes, entre outras. O PROLER vai se caracterizar como um elemento potencializador para trocas de experiências entre instituições e agentes formadores de recursos humanos que estão preocupados em construir uma sociedade leitora. De forma indireta, influencia as ações desenvolvidas na BE, pois oferece capacitação aos dirigentes leigos, quando voluntariamente buscam os seus eventos e reuniões periódicas.

No ano de 1992, foi criado o PRÓ-LEITURA, com o objetivo de contribuir na formação continuada de professores, sua principal ação é a formação de mediadores de leituras. O PRÓ-LEITURA foi uma iniciativa da Secretaria de Educação Básica (MEC) em parcerias com as secretarias de educação dos estados e universidades e também a embaixada da França. Hoje este projeto não existe mais, porém não foi substituído por ação relevante na área da BE.

Outra política que merece ser mencionado também é o Programa Fome de Livro, do ano de 2004, que teve como objetivo dotar todas as cidades brasileiras com uma biblioteca pública. Este programa foi culminado de êxito, muito embora as unidades de informação instaladas no país seja heterogêneas e com recursos muito abaixo do necessário para o atendimento dos municípios brasileiros. Contudo, esta ação tem influência na leitura escolar, pois a Biblioteca Pública substitui, ainda que de forma deficitária e geograficamente centralizada, a função que a BE deveria cumprir dentro das escolas.

2.7 As Leis de Regulamentação da Biblioteca Escolar em Sergipe

Em relação à legislação que regulamenta a existência de bibliotecas em instituições de ensino, o Estado de Sergipe já possuía uma lei estadual vinte anos antes da aprovação da Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Ou seja, no ano de 1990, o Estado de Sergipe aprova a Lei Estadual nº 2.824, de 18 de julho de 1990, que “dispõe sobre a obrigatoriedade de construção e manutenção de bibliotecas e a admissão de bibliotecários em estabelecimentos de ensino pertencentes à rede estadual, além de institui o Depósito Legal em favor da Biblioteca Estadual”, sendo o primeiro estado do país a criar tal legislação.

É perceptível que ao longo desses 24 anos de existência, não foi cumprida a referida lei sergipana, a começar pela instalação de BEs na Rede Pública de Educação, que se restringe no ano de 2014 à salas de leitura inadequadas, desequipadas e dirigidas por leigos com pouca ou nenhuma formação superior, ou professores e funcionários com problemas de saúde readaptados.

O artigo 1º da Lei Estadual nº 2.824 determina a obrigatoriedade da implantação e funcionamento de bibliotecas em todos os estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus, que serão administrados pela Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia, ou seja, independente do grau de ensino que a unidade escolar ofereça, tem que haver o espaço da Biblioteca Escolar, até um ano após sua promulgação.

A Lei Estadual nº 2.824 decide ainda que este espaço não possa ser utilizado para outro fim, que não seja o de abrigar a Biblioteca Escolar, mas sabemos que esta não é a realidade brasileira, muito menos a sergipana, onde muitas das vezes o espaço da BE é usado como depósito para guardar objetos velhos e quebrados.

O artigo 3º da Lei Estadual nº 2.824 estabelece que a administração da BE deva ficar aos cuidados de um profissional de biblioteconomia, devidamente registrado no Sistema CRB/CFB, e seu ingresso deva ser mediante concurso público. Outro artigo que não é cumprido, já que até os dias de hoje não existe um único código de vaga de Bibliotecários e Documentalista no Governo do Estado de Sergipe, segundo dados fornecidos pelo próprio Sistema CRB/CFB. Quando há o espaço da Biblioteca Escolar, sua administração não é exercida pelo bibliotecário, em sua grande maioria é dada a um funcionário qualquer que se afastou de suas funções por motivos de saúde, cabendo a este funcionário guardar o espaço. O não cumprimento do artigo 3º da Lei Estadual nº 2.824 prejudica imensamente na formação de leitores dentro da Biblioteca Escolar sergipana, visto que a presença do profissional da área é de grande importância. São estes profissionais que além de possuírem a técnica da catalogação, classificação e indexação do acervo, que também vão orientar da melhor forma possível às leituras dos alunos, orientar alunos e professores na pesquisa escolar, mediar leituras, criar ações e animações culturais específicas para a comunidade escolar dentre outras atividades.

A importância do bibliotecário é tão grande que o Manifesto UNESCO (1999, p.03) para a biblioteca escolar do ano de 1999 diz que “o bibliotecário escolar é o membro profissionalmente qualificado, responsável pelo planejamento e gestão da biblioteca escolar.” Ideia também compartilhada pelas autoras Vera Lucia Mazur Benassi e Esméria de Lourdes Saveli (2007, p. 3143).

O artigo 5º da Lei Estadual nº 2.824 diz que

Competirá ao Poder Executivo, através da Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia, dotar as bibliotecas de uma quantidade satisfatória de livros, por área de concentração científica, tomando por parâmetros de proporcionalidade o número de alunos em cada escola.

Ou seja, não apenas é obrigação do governo instalar as bibliotecas nas unidades de ensino segundo o texto da lei, mas também dotar seu espaço com acervo em número suficiente a atender os alunos da escola. Podemos perceber que este artigo da lei também não se cumpre, na maior parte das BEs sergipanas, seu acervo é insuficiente para atender a comunidade escolar, a lei ainda determina que o acervo tenha que ser atualizado anualmente antes do início do ano letivo da escola, esta atualização precisa ser elaborada pelo bibliotecário em forma de lista e seguida de requisição.

A segunda lei voltada para a BE no Estado de Sergipe é a Lei Estadual 6.580. de 07 de abril de 2009, que “dispõe sobre a criação da Política Estadual do Livro”. Também é uma legislação precoce em relação ao PNLL e possui as características exigidas para a elaboração do PELL. No entanto, dezenove anos depois de criada e sancionada, esta Lei 6.580, em seu artigo vinte, ainda segue totalmente descumprida no que se refere a BE:

Art.20. Todas as escolas da rede pública de ensino deverão manter uma biblioteca, cujo acervo será destinado à comunidade escolar, de acordo com a Lei 2.824, de 18 de julho de 1990. (SERGIPE, 2009, art.20).

Mesmo o Estado de Sergipe tendo uma Lei Estadual que regulamenta a obrigatoriedade da implantação de Bibliotecas Escolares no estado há vinte e quatro anos, percebemos que a realidade é outra. É necessária, portanto, a união entre os órgãos controladores da Educação e da Biblioteconomia, no sentido de fazer fiscalização e garantir o cumprimento do texto da Lei, que já está adequada às reais necessidades de implantação e manutenção da BE.

2.8 O acervo voltado para os educadores na Biblioteca Escolar

O acervo da Biblioteca Escolar não precisa e nem deve ser voltado apenas aos alunos da escola, ele também precisa ser pensado em relação às necessidades informacionais dos educadores da escola. Neste caso, deve ser organizado um acervo diferenciado ao dos alunos, com vista a ajudar os educadores em suas atividades acadêmicas com o alunado, como servir

também de instrumento alternativo na formação continuada dos educadores, como afirma Bari (2013, p.60):

Os professores necessitam aprimorar continuamente sua didática, assim como enriquecer sua prática pedagógica, no sentido de estabelecer a relação ensino-aprendizagem de acordo com:

- O perfil do seu alunado;
- O conteúdo programático da educação formal, do ponto de vista local, nacional e global;
- A melhoria dos indicadores de desempenho de sua turma, do estabelecimento escolar e da unidade federativa formadora da rede (municipal, estadual ou federal) – fator que determina o envio de recursos, verbas, bolsas para professores e alunos, projetos de cunho inovador, entre outros benefícios.

Os professores precisam saber que com o acervo voltado para eles, terão mas um instrumento para ajudar em suas atividades em sala de aula. Quando a BE investe neste tipo de acervo, ela estará auxiliando aos professores na formação de leitores de uma forma melhor. Porém, é certo que nem sempre a BE dispõe de recursos para investir neste tipo de acervo, visto que a maioria atua de uma forma precária, com acervos pequenos e desatualizados, que em sua maior parte é formado por doações. Essas doações normalmente são de livros didáticos, que por vezes estão desatualizados ou até mesmo danificados. Além do desenvolvimento de produtos e serviços bibliotecários voltados para o alunado, outro grande desafio da Biblioteca Escolar é o de criar um acervo voltado para os educadores, chega a ser uma utopia dentro da realidade das bibliotecas escolares brasileiras.

As autoras Ivone Aparecida Winiewski e Avanilde Polak (2009. p.4416), explicam que “a Biblioteca Escolar é aquela fica na própria instituição e deve servir de base aos trabalhos pedagógicos oferecendo materiais para todos os temas de interesse de professores e alunos.” Como bem explicado pelas autoras, e falado no paragrafo anterior, a BE precisa oferecer os materiais necessários para o aprendizado e pesquisa dos alunos e educadores da escola.

Segundo Graça Maria Fragoso (2002, p.127), a Biblioteca Escolar tem duas funções fundamentais que são a educativa e a cultural, que na visão da autora:

Na função educativa, ela representa um reforço à ação do aluno e do professor. [...] desenvolvendo habilidades de estudo independente, agindo como instrumento de auto-educação, motivando a uma busca do conhecimento, incrementando a leitura e ainda auxiliando na formação de hábitos e atitudes de manuseio, consulta e utilização do livro, da biblioteca e da informação. Quanto à atuação do educador e da instituição, a biblioteca complementa as informações básicas e oferece seus recursos e serviços à comunidade escolar de maneira a atender as necessidades do planejamento curricular.

Como citado, a autora afirma que a BE em seu aspecto educativo vai estimular a busca de informações tanto por parte dos alunos como por parte dos professores, que a Biblioteca Escolar vai ajudar os educadores nas necessidades do seu planejamento curricular.

Já na parte cultural da BE, a mesma autora afirma que “em sua função cultural, a biblioteca de uma escola torna-se complemento da educação formal, ao oferecer múltiplas possibilidades de leitura e, com isso, leva os alunos a ampliar seus conhecimentos e suas ideias acerca do mundo.” (FRAGOSO, 2002, p.127).

Assim, a implantação da BE também influencia a formação do leitor, do ponto de vista da melhor formação do professor e sua educação continuada. Afinal, o professor também é um cidadão brasileiro, que cresceu num país sem Bibliotecas Públicas e provavelmente estudou em estabelecimentos sem Bibliotecas Escolares, o que significa que a sociedade deve investir na formação do professor como leitor.

3 A BIBLIOTECA ESCOLAR E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Na hipótese da existência da Biblioteca Escolar, com as condições de implantação em nível básico, segundo os Parâmetros, a literatura discute as bias práticas de utilização, gestão, as principais características de produtos e serviços biblioteconômicos recomendáveis. A formação de leitores dentro da BE é uma tarefa muito difícil, mas não impossível. O bibliotecário escolar depara-se com diversos empecilhos, que vão desde a carência de um bom acervo, desinteresse por parte dos alunos, até a não participação do professor.

Talvez esta seja uma das atividades mais difíceis que o bibliotecário escolar enfrente na Biblioteca Escolar, a começar por incentivar e formar leitores dentro da BE. Na maioria das vezes, o primeiro contato de leitura que os alunos tiveram foi de uma forma nada agradável, quando foram obrigados por algum professor a ler obras que não despertaram nenhum interesse, pois como bem considerou Bari (2013, p.750), “a formação do leitor só chega ao seu amadurecimento pleno se o individuo gostar de ler. Ou seja, o vínculo emocional é elemento imprescindível na proficiência de leitura.”

A formação de leitores vai muito além do simples gesto de indicar ou dar um livro na mão do aluno, tanto o bibliotecário como o professor tem que fazer com que a leitura esteja inserida no dia-a-dia dos alunos, uma tarefa difícil, visto que a maior parte deles apenas irá ter convivência com os livros e leitura dentro da escola, em atividades de aprendizagem. Como afirmado na literatura especializada, nem todos possuem o hábito da leitura dentro de casa, sendo para eles então algo novo, e se não for apresentado de uma forma prazerosa e estimulante, os futuros leitores podem pegar verdadeira aversão ao mundo da leitura.

Nem sempre os alunos entrarão no universo da leitura por vontade própria, em sua maioria precisam ser incentivados e estimulados pelas pessoas que o cercam, que no caso podem ser os familiares, amigos, os professores, o bibliotecário, atuando como agentes sociais na formação de novos leitores. O cuidado desses agentes de leitura deverá ser a busca do prazer e do gosto pessoal, para que nem sempre nem sempre se leia por necessidade, ou exercício, ou seja, quando são obrigados a fazerem algum trabalho da escola, como as lições e pesquisas escolares.

Segundo a autora Alda Maria Ribeiro Alves, em seu artigo intitulado A Formação de Leitores Dentro das Escolas, trata alguns dos motivos que vai estimular ou na formação dos leitores, uma das questões levantadas por ela é a seguinte “a importância do meio, como participante ativo na construção dos hábitos.” (ALVES, 2009, p.2), ou seja, se uma pessoa

vive numa casa em que a leitura é algo constante, se seus pais, irmãos são leitores e sempre estão com livros e outros tipos de suportes informacionais em seu dia-a-dia, exemplificando que a leitura é algo bom, que é prazeroso, com certeza esta pessoa tem grande chances de torna-se um leitor e terá mas habilidade de usar e interpretar os mas diferentes tipos de informação, possivelmente poderá torna-se uma pessoa com um bom nível de letramento (ALVES, 2009, p.4). Quando este ambiente doméstico ainda não está assim estruturado, a Biblioteca Escolar pode representar para o leitor novato o especo cotidiano de apresentação da leitura como fonte de informação, conhecimento, gosto e prazer, quando a mesma se caracteriza como um ambiente da formação do leitor.

A autora ainda cita que muitos e diferentes serão os fatores que motivarão uma pessoa a ler, como a idade do individuo, afirmando que cada fase terá seu interesse distinto. Este fator é importante quando observado, pois ajuda muito o bibliotecário e o professor, na proposta e mediação de leitura a seus alunos (ALVES, 2009, p.3). É importante saber desses interesses, para não acabar oferecendo o mesmo tipo de leitura a todos, pois alguns terão mais interesse por obra de ficção, romances históricos, histórias em quadrinhos, dentre outros tipos de leituras.

O bibliotecário, juntamente com o professor, também precisa ficar atento para dificuldades de leitura dos alunos, que também influenciam na formação do leitor. Dependendo do tipo de dificuldade, o leitor novato poderá abandonar a leitura e não mas tentar outra vez. Entre essas dificuldades o nível de compreensão do texto, o tipo e comprimento da linha, ilustrações, oportunidade de ler ou disponibilidade de livros e tempo, são umas das dificuldades, que devem sempre ser observadas pelos agentes que são responsáveis pela formação do leitor na BE (ALVES, 2009, p.6).

Para formar leitor na BE, além dos cuidados que devem ser observados e trabalhados Bari afirma que (2013, p. 57):

A formação do gosto pela leitura, principalmente para os leitores novatos, é facilitada pela criação de situações de leitura cotidiana, principalmente quando as mesmas não estão vinculadas a uma utilidade da vida, pois isto descaracteriza um momento de lazer. A leitura de lazer, muito embora tenha o potencial de ser tão informativa quanto à leitura escolar e profissional, tem objetivos de fruição intelectual muito diferentes. Assim, a disponibilização da leitura de lazer ao leitor novato e facilitação de sua circulação em ambientes como o lar, é extremamente importante na repetição e reforço de conteúdos escolares, sob um ângulo de entretenimento.

Para a autora, a formação do gosto da leitura só vai se consolidar quando a mesma for apresentada de um jeito espontâneo, não obrigatório. Afirma que se pode muito bem ler para outros fins, não apenas para se informar, que uma pessoa pode entrar no universo da leitura

também para descontrair, relaxar. É preciso mostrar para esses leitores novatos que eles podem escolher o que ler e como ler. A leitura não precisa e nem pode ser algo imposto. Os professores podem trabalhar a leitura de uma forma mais leve, não obrigando seus alunos a ler um texto ou romance e responder questionários que não tem sentido para alunos.

Para que o bibliotecário e o professor possam formar leitores de uma forma mais interessante, eles podem e devem fazer uso das ações culturais na Biblioteca Escolar, essas ações são uma forma mais leve e interessante de inserir e formar leitores. No entanto, sempre levando em consideração a necessidade, as dificuldades e interesses de cada leitor em formação. A formação dos leitores na escola tem que ser realizada em cooperação, pois melhor que o bibliotecário, o professor tem uma convivência diária e saberá melhor a tendência leitora de seus alunos, ajudando o bibliotecário a estabelecer o perfil do usuário da Biblioteca Escolar.

3.1 Ação e animação cultural como fatores de formação do leitor na BE

A atividade da Biblioteca Escolar não se resume apenas no empréstimo de livros e auxílio na pesquisa escolar, ela também desenvolve ações e animações culturais para a comunidade escolar. Estas atividades devem ser feitas de preferência pelo bibliotecário escolar com apoio e participação dos professores da escola, para conseguir um melhor resultado junto aos alunos da instituição. Ao realizar essas ações e animações culturais com os alunos da escola, a BE estará inserindo-os no universo da leitura de uma forma mais dinâmica e interessante, mostrando a eles que existem diversas formas de fazer uso da leitura. Para Ana Maria Resende Cabral (1999, p.39):

A ação cultural é um rico campo de atuação que oferece ao bibliotecário inúmeras opções de atividades a serem desenvolvidas nas bibliotecas públicas, escolares, comunitárias e centros culturais, sendo indiscutível sua importância tanto no sentido de dinamizá-las como de alavancar o processo de produção no âmbito dessas instituições e da sociedade.

Como bem explicado por Cabral, ao se criar essas ações culturais dentro dos espaços de leitura, que no nosso caso diz respeito à BE é importante ter a presença de um bibliotecário, para que assim as ações tenham maiores efetividades, haja vista que este profissional da informação tem as habilidades necessárias para a realização destas ações culturais.

Ao se fazer ações culturais na biblioteca devem fazer uso das mais variadas técnicas e instrumentos, de acordo com o interesse de cada grupo e a disponibilidade dos recursos que a escola vai ter. Jara (*apud* CABRAL, 1999, p. 42) “sugere múltiplas possibilidades para tornar o processo educativo dinâmico, tais como os códigos audiovisuais (cinema, televisão) e os códigos vivenciais (dinâmica de grupos, jogos, exercícios de comunicação etc.)”, sempre com a união dos professores, porque eles são de fundamental importância neste trabalho, para que a BE possa realizar da melhor forma possível a inserção dos leitores na BE.

Enquanto a ação cultural é uma proposta de atividade onde a leitura fica claramente identificada, a animação cultural tem caráter festivo, de divulgação do espaço bibliotecário ou da adesão à frequência à BE. É bom que os estudantes estejam presentes na elaboração da ação e/ou animação cultural também, decidindo conjuntamente com os professores e o bibliotecário, traçando experiências.

Os usuários da BE não podem apenas receber passivamente a ação e animação cultural, devem tornar-se ativos e participantes. É necessário que eles interajam nas atividades que estarão sendo realizadas, para que assim aproveitem e absorvam melhor as informações que estão sendo disponibilizadas, assim como precisam se sentir agentes dessas ações e estar envolvidos desde a produção até o resultado. Como bem afirma Cabral (1999, p. 42) “uma proposta de ação cultural libertadora deve visar: que os indivíduos não sejam apenas receptores, mas sujeitos da criação cultural.” Com estas ações culturais, a Biblioteca Escolar se tornará não só espaço de leitura, mas também espaço de apresentação, representação e criação, tendo mais uma função além da de auxiliar no aprendizado escolar, segundo Cabral (1999, p.42):

Ao invés de considerar seus alunos como um meros receptores e consumidores da cultura, a biblioteca escolar irá torná-los participantes do processo de criação e produção cultural, artística literária.

Para tal, a equipe da Biblioteca Escolar deve unir-se aos demais partícipes da comunidade escolar, como os professores, alunos, pais e responsáveis, funcionários técnico-administrativos, para proporcionar momentos relevantes de lazer cultural para todos os usuários.

3.1.1 Ação Cultural na Biblioteca Escolar

Não podemos esperar que o aluno vá até a leitura, ela também precisa ir ao encontro deles. Por isso, a ação cultural é tão importante. Como também é sabido pelo profissional

bibliotecário, quem geralmente insere as crianças no mundo da leitura é a família, também se faz de grande relevância dar suporte às famílias nesta questão da leitura, porque não se gosta daquilo que não provamos. A ação cultural na BE funciona como um tipo de degustação da leitura, com uma apresentação diferente da leitura escolar típica.

Uma atividade para mostrar as crianças menores o maravilhoso mundo da fantasia, para a realização dessa ação é importante que seja realizada por alguém que seja bastante dinâmico, como um contador de histórias. Para ficar mais confortável pode sentar as crianças no chão, em círculo e em almofadas, o contador se preferir também tem a liberdade de se caracterizar com o personagem que será contado na história ou fazer encenação, dando a oportunidade das crianças também participarem, transformando esse momento em uma ação ativa por parte das crianças, elas podem ser chamadas para recontar as histórias que ouviram, ou ser um dos personagens durante a contação.

Dentro da Hora do Conto, podem-se inserir temas que fazem parte da vivência deles, como o *bullying*, criatividade, ecologia, mentira, sentimentos, etc. Esta é uma ação que utiliza pouco recurso, a escola não terá quase nenhum gasto financeiro em relação a essa ação cultural, e para um melhor aproveitamento o ideal seria que os contadores fossem os próprios professores da escola, essa é uma forma de introduzi-los nas ações culturais da BE. Esta é uma atividade tão importante na formação de leitores que para Malba Tahan (*apud SILVA*, 1999, p.175),

As histórias desenvolvem o poder de observação, treinam a memória, exercitam a inteligência e a lógica, desenvolvem o poder de imaginação e de emoção e intensificam e estendem as relações sociais das crianças. Para o ensino da língua, particularmente, elas enriquecem a experiência, desenvolvem a seqüência lógica dos fatos, dando um sentido de ordem e esclarecem o pensamento, fixam e ampliam o vocabulário da criança, dão formas às expressões à linguagem infantil.

Ou seja, as crianças vão desenvolvendo o gosto pela leitura da forma que eles mais gostam, brincando e desenvolvendo suas emoções. Ainda segundo Silva (1999, p.176) que realizou essa ação cultural na escola onde trabalhou, descreveu que:

Fazíamos então a hora do conto com a participação dos alunos, seguido de uma oficina de arte e produção de textos onde os alunos recriavam a história oral através de outras formas de expressão. Levávamos também uma cesta de livros e convidávamos os alunos a escolherem voluntariamente um livro.

Nesta ação a Biblioteca Escolar vai desmistificar a ideia de que ler é ruim, de uma forma agradável, dando oportunidade de interação tanto dos alunos como dos professores e bibliotecários da BE, oferecendo-lhe a oportunidade de escolha da próxima leitura.

Segundo Côrte e Bandeira (2011, p.128), outra atividade interessante para a BE é o Sarau Poético:

Consiste em ler textos de autores conhecidos ou não e em seguida fazer breve análise sobre o que foi lido, em que contexto o texto foi criado ou produzido, e suas repercussões. Podem ser convidadas pessoas que conheçam bem a obra do autor, ou cada aluno escolhe um texto e o apresenta para toda a turma.

Nesta atividade os professores de língua portuguesa, literatura, redação tem um importante significado, pois sua participação é de grande importância, pois o bibliotecário escolar irá precisar de sua ajuda na escolha dos autores para a atividade. Os professores podem indicar autores nacional ou regional, se tiver um bom autor da região é preferível que se der espaço para o autor regional, é uma forma de incentivar a cultura da região, fazendo com que a comunidade conheça seus autores locais.

É uma ação de baixo custo, por utilizar materiais que a escola e a BE possuem, a arrumação do espaço para o dia do Sarau Poético pode ficar por conta dos alunos, como uma atividade de classe, eles podem confeccionar um varal com os poemas que serão lidos no dia, para que o público possa lê-los ao decorrer do sarau. As apresentações podem ser individual, em duplas ou trios, podem ser projetados músicas, vídeos e ou imagens relacionados ao tema do sarau, uma forma de disponibilizar a informação em diversos tipos de suportes, dando a oportunidade de a comunidade interagir com a informação além do papel.

A realização desta atividade pode ser feita semestralmente e em datas comemorativas significativas, tendo essa data como tema do sarau, como meio ambiente, dia do escritor, dia da consciência negra, entre outras. Pode-se também apresentar no dia do sarau composições dos alunos, funcionários da escola e até pais dos alunos, ao final do ano letivo pode-se criar uma publicação com os trabalhos apresentados nestes saraus, uma espécie de coletânea, com uma noite de lançamentos. Para a confecção desta obra, a BE juntamente com a escola pode buscar patrocínio.

O Encontro com o Autor é organizado em um dia de encontro com um escritor ou ilustrador, para que ele possa conversar sobre sua obra e um pouco mais sobre sua vida literária. Neste encontro, também pode expor as obras do escritor ou ilustrador para que os alunos possam ter acesso, manusear e conhecer mais perto as obras. O evento pode ser o mais descontraído possível. Pode ser realizado em rodas, numa tarde com um pequeno coquetel, o ideal é que seja o mais leve possível, para que os alunos não se sintam obrigados a participar desta ação. Pelo contrário, quanto mais descontraído, mais público irá atrair. Os usuários da BE precisam ver que o mundo da leitura não se resume apenas em leituras obrigatórias, que há possibilidades atraentes e divertidas.

A exibição de livros e textos no interior da biblioteca pode ser feito por meio de uma Cesta Literária, como forma de promover a aproximação entre os alunos e os livros por meio

de uma arrumação seletiva de títulos. Outras formas de arrumação, como painéis e bibliocantos sobre as mesas podem ser utilizados como forma de propaganda para títulos novos que a BE recebeu. Apresentar os livros também deve ser uma preocupação do bibliotecário escolar. Outra forma de apresentação é a Colheita Literária, uma exposição de livros e textos em árvores espalhadas pelos corredores da escola até a biblioteca para divulgar obras e autores, utilizando cópias das capas e páginas dos livros. O Varal Poético também é um recurso de exposição de livros pequenos, Cordéis e produções dos próprios usuários.

O Clube da Leitura pode ser criado como um grupo de estudo ou grupo de fãs, que discute obras literárias durante os recreios, na BE. Com o objetivo de promover o hábito e o prazer da leitura, clube poderá divulgar dicas de livros, incentivando a leitura de obras literárias clássicas e contemporâneas e estimular o uso dos espaços e o acervo da BE.

O Clube de leitura é o grupo de pessoas que se juntam para falar de livros e alguma coisa mais. Esta iniciativa serve para mostrar aos alunos da escola que a leitura não é algo individual, que se pode fazer em grupo. Já que na fase da adolescência eles vivem e passam a maior parte do tempo em grupos, então porque não lerem em grupo? Estes clubes restituem a leitura compartilhada e contribuem para a igualdade no acesso ao conhecimento. Oferecem diversos efeitos benéficos, entre eles: é uma forma barata e prazerosa de lazer e uma forma de compartilhamento de informação e cultura leitora.

Para se criar um Clube de Leitura é simples, mas existe custo financeiro. É necessário formar um acervo de livros novos ou em perfeito estado e atualizados, sobre o autor ou tema que verse o Clube. Não existe Clube de Leitura sem tema ou autor de predileção, lembrando que exames de grau também possuem bibliografia especializada e este também é um tema, demanda gastos. O primeiro passo é difundir a ideia entre os alunos da escola, depois se marca um encontro inicial com os interessados em participar, passada esta fase, a próxima é escolher os livros que serão lidos neste clube. O ideal é que os livros seja do acervo e os encontros sejam na BE, com datas e horários estabelecidos. Vamos explicar um pouco de cada fase.

Os participantes do Clube de Leitura podem se alunos, professores, funcionários da escola e até familiares dos alunos, o importante é unir pessoas para a leitura. A divulgação da ideia pode ser de sala em sala, no Mural da BE, nas redes sociais da BE na internet. No encontro inicial, os membros decidirão quanto à periodicidade das sessões do Clube, sempre levando em consideração a disponibilidade pessoal dos membros e o tempo necessário para escolher, encomendar e distribuir os livros que serão lidos. Se a obra que o Clube tiver interesse possuir adaptação cinematográfica, é interessante que assistam, sendo uma forma de

inserir outro suporte informacional no dia-a-dia do grupo, para que verifiquem como é a obra em outro tipo de manifestação.

Em geral, os filmes são produzidos a partir de livros, como uma manifestação diferente da mesma obra. É importante que os professores e alunos já tenham um conhecimento prévio da obra escrita, assim, possam assistir e discutir sobre similaridades e diferenças entre uma linguagem e outra. A atividade de Cineclube é assim uma boa opção de lazer cultural para a BE.

A Sacola Literária é uma forma de extensão da BE, com a reunião de livros e revistas para serem emprestados às famílias, que poderão fazer comentários em um caderno, que passará para os leitores seguintes. Dentro destas sacolas é interessante que se coloque o mais variado tipo de materiais, como livros, revistas em quadrinhos, revistas de atualidades, revistas de culinária, literatura de cordel, etc. Esta é uma ação cultural de extensão voltada para a família dos alunos e o ambiente social doméstico, que na maioria das vezes não tem contato com o universo da leitura. Por isso, é interessante dispor informações que sejam de fato lidas pela família dentro do prazo de circulação da Sacola Literária. Aos poucos, pode-se ir enriquecendo a Sacola com outros materiais informacionais mais elaborados. É uma ação de pouco custo financeiro. As Sacolas podem ser confeccionadas pelos próprios alunos, os livros e revistas são os que o acervo da BE disponibiliza. Para dar uma maior autonomia para os alunos, o bibliotecário escolar pode sugerir que eles mesmos escolham quais materiais levarão para que seus familiares possam ler em casa.

As Feiras de Livros tem por objetivo criar a oportunidade para que a comunidade escolar possa reciclar e ampliar o repertório de leitura sem muito custo, trocando ou comprando títulos lidos por outros de seu interesse. A Feira de Livros promovida pela BE traz diversas vantagens, entre elas: o contato direto com uma grande variedade de títulos para todas as idades; o manuseamento e apreciação dos livros em exposição pelos participantes, dando-lhes a chance de escolher sua leitura; o acesso à obras de uma forma mais barata, visto que o valor do livro novo ainda é alto.

Esta ação organiza-se desta forma: alunos, pais, professores e funcionários da escola serão convidados a doar, trocar ou vender livros usados e em bom estado, para a realização desta feira. Pode-se determinar quais tipos de livros serão aceitos na Feira de Livros, se só literários ou todos os tipos, como os didáticos, técnicos, etc. Esta ação pode ser feita a qualquer momento durante o ano, mas o Plano Nacional do Livro e da Leitura (BRASIL, 2006, p.03), que são datas que poderão despertar um maior interesse do público.

No mês de dezembro, por se avizinhar o período de compras de prendas de Natal. Na Semana da Leitura, por ser um período em que a atenção da escola se centra nos livros. Na última ou penúltima semana de aulas, ou no dia da festa de fim do ano, para que os alunos e as famílias possam adquirir livros para lerem nas férias. Por ocasião de visita de um escritor ou ilustrador à escola, para possibilitar o contacto com vários títulos do autor em questão e a aquisição de livros que poderão ser autografados.

A divulgação desta ação pode ser feita por folders, e-mails e cartazes, post em blog, se a biblioteca tiver um melhor ainda. No dia do evento para dar uma maior visibilidade e animação, os alunos da escola podem contar histórias, ler poesias dos livros que estão participando da feira, criação de desenhos por desenhistas ou cartunistas e até mesmo pelos alunos que tenham talento para este fim, uma forma também de estimular as habilidades de cada aluno dentro da BE.

3.1.1 Animação Cultural na Biblioteca Escolar

A animação cultural na BE é diferenciada da ação cultural, pois não implica necessariamente em formação do leitor, mas é essencial para que o usuário potencial seja apresentado ao ambiente de leitura e se familiarize. Consiste em atividades recreativas que nem sempre estão relacionadas com e o consumo de bens culturais letrados, mas que tem por finalidade promover os serviços prestados pela BE.

O conceito de marketing tem passado por uma evolução na última década. Deixando de ser o como foco principal, a venda de produtos, e se relacionando o mesmo com o desenvolvimento de produtos e serviços, como ferramentas mercadológicas, que possam influenciar no comportamento de pessoas e de grupos sociais.

Então, a Animação Cultural representa uma estratégia de marketing bibliotecário. Mesmo que não tenha os mesmos efeitos da Ação Cultural, mostra para a sociedade a Biblioteca como um espaço de convivência e lazer para todos os cidadãos, até mesmo aqueles que não gostam ou não sabem ler.

Como atividades de animação cultural na BE, podem ser feitas festas ou brincadeiras, aproveitando o Calendário Cívico, as tradições locais da comunidade escolar, ou aproveitando temas sugeridos pelos próprios usuários e comunidade escolar. Assim, a frequência dos usuários ao ambiente da BE oportuniza a formação do leitor de forma indireta.

3.2 Os serviços biblioteconômicos especializados da BE

A BE não deve apenas oferecer os serviços de consulta local e empréstimos aos alunos, seus serviços vão muito além desses dois acima citados. A BE pode e deve oferecer os seguintes serviços abaixo relacionados, como forma de aprimoramento da convivência entre o usuário escolar e as fontes de informação, aprimorando sua formação leitora.

A. Serviço de consulta

Este é o serviço que a BE melhor desempenha, pois ocorre quando um usuário vai até ao espaço consultar o acervo para se informar sobre determinado assunto. Segundo Bari (2013, p.46), “o serviço de consulta se caracteriza pela disponibilização e apoio a utilização de fontes de informação (obras bibliográficas em suportes tradicionais ou digitais).” Como bem explica a autora nesta citação, a consulta deve-se dar em diversas fontes, dos mais variados suportes, frisando também que a consulta pode estende-se para os meios eletrônicos, como a internet.

B. Serviço de alerta (divulgação de novas aquisições)

Com este serviço, a BE divulga para a comunidade escolar as novas aquisições do acervo, podendo ser feito de diversas formas, como afirmam Côrte e Bandeira (2011, p.112). “Uma das formas de fazer isso é por meio de exposição do material, em móveis apropriados. Cartazes e quadros de avisos onde sejam afixados cópias das capas dos livros recebidos.” As autoras ainda sugerem fazer uma relação das novidades da BE e entregar em cada sala de aula, dando cópia para cada professor ou até mesmo enviar e-mail.

Ainda falando das formas de alerta, Bari (2013, p.45) sugere serviços de “mala direta de e-mail; Mural da Biblioteca; Boletim da Biblioteca Escolar; mensagens em redes sociais.” As formas são as mais variadas possíveis, todas com uma intenção em comum, que é a de informar aos usuários a chegada de novas obras.

C. Serviço de formação e orientação aos usuários

Segundo Côrte e Bandeira (2011, P.113), o serviço de formação e orientação de usuários ocorre da seguinte forma:

No início de cada ano letivo, a biblioteca organizará um programa de visitas orientadas, ou até mesmo um pequeno curso, na própria biblioteca, para todos os alunos da escola e professor, informando sobre os serviços prestados, horários de funcionamento, e direitos e deveres da biblioteca e dos usuários.

Com este tipo de serviço, a comunidade escolar irá ficar ciente de como é e funcionam a BE, os serviços prestados, para que assim eles possam ter maior familiaridade com o ambiente e o funcionamento da BE. Este serviço tanto pode ser prestado em grupos ou individualmente, vai depender da disponibilidade e compreensão de cada usuário, com a prestação desse recurso, os usuários também irão aprender como estão classificados os livros, como buscar as obras nas estantes, aprenderá como ler as estantes, terão um melhor preparo para recuperar as informações buscadas em meios eletrônicos.

Durante o ano letivo, outros treinamentos podem ser agendados com as diferentes turmas, de modo a aprimorar a relação do usuário com a leitura e as fontes de informação, evitando a leitura mecanizada.

D. Serviço de informação e referência

Com serviço os usuários da BE irão sanar todas as suas dúvidas para chegar até a informação desejada, das mais simples até as mais complexas, bem como explica CÔRTE (2011, p.105) “o serviço de referência [...] atender ao anseio de cada usuário por conhecer e compreender e de cada bibliotecário por conhecer e atender ao seu usuário.” Este serviço deve sempre estar funcionando, de preferência com um profissional especializado, que no caso seria o bibliotecário de referência, a pessoa que será “o mediador entre usuário e todo conhecimento disponível fisicamente na biblioteca ou por acesso remoto” (CÔRTE, 2011, p.105).

É este profissional que facilitará o acesso do usuário a informação desejada, é a pessoa que tornará a busca pelo conhecimento mais rápida e prática para o leitor. O serviço de referência da Biblioteca Escolar que também:

Ajuda e orienta os alunos na elaboração de trabalhos escolares e desenvolve neles o hábito de pesquisa e consulta a várias e diversificadas fontes, bem como sugere a utilização de recursos complementares que fundamentarão o trabalho ao mesmo tempo que alimentarão o gosto pela leitura.(CÔRTE, 2011. p.106)

Neusa Dias de Macedo (2005, p. 371), trás os seguintes comentários sobre os serviços de Referência e Informação (SRI):

Representa o SRI o coração da biblioteca [...] é no serviço de referência e informação que recaem as funções de atendimento, orientação, divulgação, promoção e otimização do uso da biblioteca e ainda de atividades extensivas para a formação educativa, cultural e social das estantes.

Como bem explicado acima, é neste serviço que começa os primeiros contatos dos estudantes com a leitura, é com SRI, que eles irão tirar todas as suas dúvidas sobre o funcionamento da BE, como localizar as obras, etc.

E. Serviço de apoio ao ensino disciplinar

Com este serviço, BE irá dar suporte aos educadores, pois segundo Bari (2013, p.47) “é possível fazer com que a biblioteca funcione em harmonia e seja um serviço de apoio pedagógico ao processo ensino-aprendizagem dos conteúdos formas ensinados em sala de aula (que é um ambiente externo a Biblioteca Escolar e suas atividades).” Para que este serviço oferecido pela BE e funcione satisfatoriamente, é preciso que os professores aceitem a ajuda do profissional bibliotecário, que planejem suas atividades em parceria com a BE, pois fazendo isto, ficará mais fácil para o responsável oferecer os materiais necessários para ajudar os professores em sala de aula. Ou seja, este serviço focará a produção da ementa disciplinar, o planejamento escolar e o Plano Pedagógico de Curso.

F. Serviço de apoio à pesquisa escolar

Importante serviço da BE, é com ele que talvez os alunos tenham contato com a maior quantidade de informações, dos mais variados suportes informacionais, no momento da fixação de conteúdos dados em sala de aula. A BE deve estar preparada, com um acervo atualizado, pessoal treinado para oferecer este tipo de serviço, além disso, ter um espaço adequado, pois às vezes os alunos fazem as pesquisas individualmente ou em grupos.

Mas uma vez, há a necessidade da união dos educadores com o bibliotecário ou responsável pela BE, comunicando previamente a BE sobre essas pesquisas, para que o pessoal da Biblioteca Escolar possa munir-se dos mais diversos materiais para auxiliar os alunos na pesquisa escolar. Segundo Abreu (2008 p.26-27):

A pesquisa escolar é um processo complexo, que exige do aluno habilidades que precisam estar previamente desenvolvidas, para que ocorra em toda sua riqueza. O

estudante deve ter familiaridade com a biblioteca, com a localização dos materiais ali reunidos.

Este serviço de apoio à pesquisa escolar auxiliará os alunos na metodologia, dando as orientações de como achar a informação desejada, como usá-la e como referenciá-la. Para conseguir êxito neste serviço, a BE pode e deve treinar seus usuários, como explica a escritora Carol Kuhlthau, no livro *Como Usar a Biblioteca na Escola* (2006, p.183-197). Nesta obra ela cria atividades para alunos do ensino fundamental, para que eles aprendam a desenvolver a pesquisa escolar uma forma mais fácil e eficiente:

- a) mostrar aos usuários como funciona a Classificação Decimal de Dewey ou a forma de organização do acervo;
- b) auxiliar na técnica de produção de texto de pesquisa, combinando informações de mais de uma fonte;
- c) auxiliar na listagem das referências bibliográficas das fontes de informação utilizadas;
- d) trazer familiaridade com o funcionamento das diferentes obras de referência;
- e) demonstrar como obter e citar informações obtidas de fontes audiovisuais;
- f) auxiliar na produção própria de apresentações audiovisuais de trabalhos de grau;
- g) interpretar e citar informações de periódicos;
- h) familiarizar-se com a interpretação literária de uma leitura;
- i) desenvolver trabalhos em grupo.

G. Serviço de Mural

Este serviço irá divulgar as atividades realizadas na BE, além de outras que possam interessar a comunidade escolar. Côrte e Bandeira (2011, p.113) afirmam que a BE deverá utilizar como mídia local o recurso, apresentando informações “no mural, onde os alunos também poderão afixar suas mensagens, poderão ser colocados fotografias, avisos gerais da escola, reportagens, anúncios, etc.” Ou seja, com este serviço, não só os alunos terão contato com a BE, mas a biblioteca também passará a conhecer seus usuários, tendo assim a oportunidade de direcionalizar à informação para cada segmento do perfil de usuário, o que seria uma espécie de estudo de usuário, outro serviço que a BE pode oferecer.

Bari (2013, p.48) afirma que o serviço de mural tem grande importância, porque pode ser a primeira “fonte de informação referencial acessível ao estudante”. Neste mural, ela sugere que deve ser divulgado: o calendário cívico, o calendário escolar, as efemérides, datas

comemorativas da região, notícias de interesse da comunidade escolar, concursos, dentre outras coisas. Ela orienta ainda que as atualizações sejam feitas mensalmente.

H. Serviço de ouvidoria

“Este serviço é uma linha eficaz de comunicação entre a biblioteca e seus usuários e permite avaliar e melhorar a qualidade dos serviços. Por ele os usuários podem sugerir criticar, elogiar, enfim, valer-se de seu direito de cidadão.” (CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p. 114). Este serviço medirá a satisfação dos usuários, com o objetivo de atender todas as necessidades de seu público, receber sugestões, resolver os possíveis problemas, é um serviço que dá voz para os usuários em relação às atividades da BE.

A Ouvidoria pode ser feita por telefone, formulários, caixas de sugestões ou até mesmo pessoalmente. Não basta apenas criar o serviço de ouvidoria, a BE deve estar empenhada em atender e solucionar os problemas mostrados com os dados coletados. A Ouvidoria é criada para receber “reclamações, sugestões e elogios”, por isso não se recomenda fazer simplesmente um serviço de sugestões ou de reclamações.

I. Serviço de biblioteca circulante (empréstimos)

Este serviço irá disponibilizar algumas obras para que o usuário possa levar para sua casa, por um prazo determinado pela BE. Para Bari (2013, p.48) “a Biblioteca Escolar deverá sistematizar e criar o seu departamento, setor ou estante própria de obras para empréstimo, sabendo de antemão que estas estarão sujeitas à deterioração, perda, danos”, visto que nem todos os materiais poderão ser incluídos neste serviço, como os dicionários, enciclopédias, periódicos, por serem obras de referência ou materiais que geralmente contam com poucos exemplares e uma grande procura para sanar eventuais dúvidas, auxiliar em pesquisas escolares.

Ao oferecer este recurso, a BE deixará explícito quais as condições para os usuários fazerem uso desse serviço, qual o prazo de empréstimo, quantidade de exemplares que podem ser retirados, que tipo de material poderá ser levado, se haverá multa caso a obra não seja devolvida na data prevista, se o usuário pode fazer reservas. Para uma maior eficiência deste serviço, são aconselháveis que se fizesse um cadastro de usuários e que no ato do empréstimo o usuário tenha acesso a um guia com as normas deste serviço, para evitar possíveis transtornos. Caso a biblioteca não disponha de um computador para fazer o controle dos

empréstimos, ela poderá fazer manualmente, em um livro de registro com informações do usuário, da obra a ser emprestada.

3.3 A BE compreendida como ambiente de leitura

Caso a BE desenvolva tanto a ação quanto a animação cultural, juntamente com os serviços especializados, oferecidos de forma efetiva, realmente este vai se constituir num ambiente de leitura na estrutura da escola.

Cada vez que um aluno, professor ou outro membro da comunidade escolar se decepciona com a qualidade, com a apresentação, com a ambientação, com a equipe da BE, isto significa que ela não está desenvolvendo sua função, não está realizando sua missão e está se afastando do seu real objetivo, que é formar leitores e habilitá-los na utilização dos diversos tipos de informações, fontes, suportes informacionais.

Isto significa que uma BE somente será um ambiente de leitura e formação do leitor, caso seja gerida para tal, de forma especializada, mas também contemplando os aspectos afetivos que aproximem o leitor potencial e sua leitura. A BE é uma atividade meio, que ajuda a cumprir a finalidade da escolarização, mas que deve contemplar o aluno, o professor, os demais educadores sob uma técnica científica, mas também de uma forma afetiva, verificando desejos, necessidades e vontades no âmbito da leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da aplicação da metodologia da revisão literária, foi possível contemplar as principais ideias e sugestões de aplicação de organização das Bibliotecas Escolares. O que ocorre principalmente é a falta de renovação de produtos e serviços biblioteconômicos, que permanecem relativamente iguais ao longo do tempo. Também é importante salientar que as fontes são escassas, com muito mais trabalhos do campo teórico da Educação do que da Biblioteconomia, demonstrando a falta de interesse do profissional bibliotecário e documentalista por esta unidade de informação.

Porém, a pouca produção científica é cuidadosamente organizada e divulgada, sendo que conta com portais digitais próprios, como o do GEBE, assim como os grupos de trabalho em diferentes eventos científicos, da Biblioteconomia, Educação e Psicologia.

Despontam, na Biblioteconomia e Documentação, grandes especialistas, como Bernadete Campello, Graça Maria Fragoso, Neusa Dias Macedo, Carol Kuhlthau, como as autoras mais citadas. Ao mesmo tempo, temos a convivência e a citação frequente de Ezequiel Theodoro da Silva, docente e pesquisador da Educação, que mantém intensa produção sobre a Biblioteca Escolar e Leitura Escolar. Também da Educação, Edson Gabriel Garcia é o principal autor, quando se trata da estrutura e funcionamento da Biblioteca Escolar.

Desta forma, a revisão literária mostrou que a BE é um campo de pesquisa interdisciplinar, do ponto de vista da produção científica. No entanto, também foi possível notar a falta de diálogo entre Bibliotecários e Pedagogos, quando se trata dos serviços especializados da BE. Por ser um campo interdisciplinar, o profissional da Educação crê que pode falar com propriedade sobre matéria específica da formação do Bibliotecário e a literatura reflete este equívoco.

Como resultado da observação do objetivo geral do trabalho, pode-se concluir que a Biblioteca, por mais que tenha todos os serviços disponíveis, todas as atividades culturais, um bom acervo, se não estiver em harmonia com os professores e com o plano político pedagógico da unidade escolar, não poderá formar leitores ou realizar plenamente quaisquer objetivos, por ser atividade-meio da escolarização.

Quanto aos objetivos específicos da pesquisa, foi verificado que a BE somente se constitui como espaço de aprendizagem dentro da escola quando apresenta as condições mínimas de implantação, que podem ser verificadas por meio dos Parâmetros Nacionais da Biblioteca Escolar. A questão do interesse ou desinteresse pela leitura, tanto do ponto de vista

do usuário aluno quanto dos demais segmentos, como professores, educadores, funcionários, pais e responsáveis, que o bibliotecário tem de se preocupar com a familiarização, como treinamento, com o marketing, com a mediação de leitura, entre outras ações proativas que levem a leitura até o leitor.

Outro objetivo específico verificado na literatura é a relação entre o bibliotecário e o professor. Em geral, quando citada, foi evidenciando a desarmonia e o desencontro. Normalmente, cada qual falou do trabalho como se não existisse a outra parte. Os professores não citam que existe o bibliotecário escolar, falando sempre no “responsável pela biblioteca”. O bibliotecário nomina o professor, para colocar sobre ele a responsabilidade pela formação do leitor, fazendo recomendações sobre como ele deve desempenhar seu trabalho em sala de aula.

Por meio da execução da pesquisa e a concretização de seus objetivos geral e específicos, foi possível observar e esgotar parcialmente a hipótese que norteou este trabalho: “A ausência ou precariedade de Bibliotecas Escolares prejudica a formação de hábitos e gostos leitores dentro do ambiente escolar.” No Brasil, a implantação das BEs ainda se dá em espaços pequenos, abafados, sem acervo, sem equipe, sem mobiliário e equipamentos. Ou seja, antes que seja possível aprimorar a questão da formação do leitor, é preciso que se implante este ambiente de leitura e sua equipe de forma adequada nas unidades escolares brasileiras.

Assim, antes da difusão dos conceitos na literatura especializada, fica evidente o debate sobre a precariedade e uma suposição de como poderia vir a ser, que se concretiza em linhas de pesquisa, produção literária e movimentos de caráter político, como nos exemplos da atuação do Projeto Mobilizador e do GEBE.

REFERÊNCIAS

ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. **Pesquisa escolar**. In: CAMPELLO, Bernadete Santos. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ALVES, A. M. R. A formação de leitores dentro das escolas. In: XV Encontro Nacional de Psicologia Social da ABRAPSO. **Anais...** Maceió: ABRAPSO, 2009. (ISSN: 1981-4321)

AMATO, Mirian; GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. **A biblioteca na escola**. In: GARCIA, Edson Gabriel (Org.). **Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento: pelo fim do provisório eterno**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

BARI, Valéria Aparecida. **Organização de Bibliotecas Escolares: apostila disciplinar**. 2º período letivo de 2013. São Cristóvão: Núcleo de Ciência da Informação, Universidade Federal de Sergipe, 2013.

BARI, Valéria Aparecida; VERGUEIRO, Waldomiro. Biblioteca escolar, leitura e histórias em quadrinhos: uma relação que se consolida. In: X Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2009, João Pessoa. A responsabilidade social da Ciência da Informação: X ENANCIB. **Anais...** João Pessoa: Ideia, 2009. v. 01. p. 741-752.

BENASSI, Vera Lucia Mazur; SAVELI, Isméria de Lourdes. A leitura e ausência da biblioteca escolar. In: VII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, tema: “Saberes Docentes” 2007. **Anais...** Curitiba: EDUCERE, 2007.

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei de Universalização da Biblioteca Escolar** (Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010). In: CORTE, Adelaide Ramos e ; BANDEIRA, Suelena Pinto. *Biblioteca escolar*. Brasília: Briquet de Lemos, 2011, p. 153.

BRASIL, Fundação Biblioteca Nacional. **PROLER**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2012. URL < <http://www.bn.br/proler/index.htm> > Acesso em 25 de novembro de 2012.

BRASIL, Presidência da República. **Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL** (Decreto nº 7.559, de 1º de setembro de 2011). Brasília: Gabinete da Presidência da

República, 2007. URL < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/decreto/d7559.htm> Acesso em 25 de novembro de 2012.

BRASIL, Tribunal de Contas da União. **Avaliação do TCU sobre o Programa Nacional Biblioteca na Escola**. Brasília: TCU, 2002.

BRASIL. **Lei 10.753** de 30 de outubro de 2003. Institui a Política Nacional do Livro. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.753.htm> Acesso em 20 fev. 2013.

BRASIL. Senado Federal. **Lei nº12.244** de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Disponível em <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=240379&norma=261310>> Acesso em: 21 dez. 2013.

(BRASIL, 2006, p.03) PNLL O PLANO MESMO

CABRAL, Ana Maria Rezende. Ação cultural: possibilidades de atuação do bibliotecário. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 39-45. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

CAMPELLO; Bernadete Santos. et al. **A Biblioteca Escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COPEs, Regina Janiaki; SAVELI, Esméria de Lourdes. **Leitura no Brasil: programa, projetos e campanhas**. Disponível em <<http://www.leituracritica.com.br/rev10/julga/julga02.htm>> Acesso em 26/02/2014.

CÔRTE, Adelaide Ramos; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília: Briquet de lemos, 2011.

FONSECA. Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2 ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

FRAGOSO, Graça Maria. **Biblioteca na escola**. In: Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, V.7, n.1, 2002. P.124-131.

GARCIA, Edson Gabriel (Org.). **Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento: pelo fim do provisório eterno**. São Paulo: Loyola, 1989.

GEBE, Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar da Universidade Federal de Minas Gerais. **Biblioteca Escolar como espaço de produção do conhecimento:** parâmetros para Bibliotecas Escolares. Campinas: Autêntica, 2010. URL: <<http://www.cfb.org.br/UserFiles/File/projetos/MIOLO.pdf>> Acessado em 25 de novembro de 2012.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola:** um programa de atividades para o ensino fundamental. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MACEDO, Neusa Dias de (org). **Biblioteca escolar brasileira em debate:** da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: SENAC, 2005.

MANIFESTO IFLA/UNESCO para a Biblioteca Escolar – 1999. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1999. Disponível em <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão!** Do espaço de castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MOLLO, Gláucia; NÓBREGA, Maria José. **Biblioteca escolar:** que espaço é esse? Ano XXI, boletim 14. Outubro 2011.

PEREIRA, Andréa Kluge. **Biblioteca na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

PERES, Selma Martines; GONÇALVES, Ana Maria. Políticas de incentivo à leitura e ao livro: década de 1990. In: V Simpósio Internacional O Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente, 2009, Uberlândia - MG. **Anais...** Uberlândia: FAGED/UFU, 2009. v. 1. p. 1-14.

MARQUES Neto, Joaquim Castilho (org.). **PNLL: Textos e história.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Acessível em: <http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/sites/gestaocompartilhada.pbh.gov.br/files/biblioteca/arquivos/plano_nacional_livro_leitura_-_textos_historias_.pdf>. Acesso em 20 de dez de 2013.

PROJETO MOBILIZADOR: Biblioteca Escolar – Construção de uma rede de informação para o ensino público. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia – CFB, 2008. Disponível em

<http://www.crb8.org.br/UserFiles/File/Sistema%20CFB_CRB%20Projeto%20Mobilizador.pdf> Acesso em 25 de novembro de 2012.

ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; ODDONE, Nanci. **Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca.** In: Ci. Inf. Brasília, v.35, n.3 p.183-193, set/ dez. 2006.

SERGIPE. Assembleia Legislativa de Sergipe. **Lei 2.824** de 18 de julho de 1990. Lei da Biblioteca Escolar do Estado de Sergipe. Publicado no Diário Oficial do dia 20/07/1990. Disponível em < http://www.al.se.gov.br/Detalhe_Lei.asp?Numerolei=7110> Acesso em: 21 fev. 2014.

SERGIPE. Assembleia Legislativa de Sergipe. **Lei 6.580** de 06 de abril de 2009. Lei de Criação da Política Estadual do Livro de Sergipe. Publicado no Diário Oficial do dia 07/04/2009. Disponível em < http://www.al.se.gov.br/Detalhe_Lei.asp?Numerolei=7110> Acesso em: 21 fev. 2014.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Biblioteca Escolar: quem cuida?** In: GARCIA, Edson Gabriel (Org.). **Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento: pelo fim do provisório eterno.** São Paulo: Edições Loyola, 1989.

SILVA, Vicente Rodrigues da. **A hora do conto na biblioteca escolar: uma proposta de incentivo à leitura.** In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica.** Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 175-177. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da Biblioteca Escolar.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

WISNIEWSKI, Ivone Ap.; POLAK, Avanilde. **Biblioteca: contribuições para a formação do leitor.** In: IX Congresso Nacional de Educação- EDUCARE, III-Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009. Paraná: PUCPR, 2009, P.4408-4419.